

RAIMUNDA LUIZA COSTA BARBOSA

**“O PROFESSOR DE ARTE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO EM
XINGUARA: CURRÍCULO, ESPAÇO, METODOLOGIA.”**

Xinguara,-Pa
2005

**PEDAGOGIA
ETIQUETA Nº 041**

SSI

**"O PROFESSOR DE ARTE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO EM XINGUARA:
CURRÍCULO, ESPAÇO, METODOLOGIA."**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Núcleo de Xinguara, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciados Plenos em Pedagogia, orientado pelo Prof. Ms. Alexandre Santos Filho.

Xinguara-Pa

2005

UNIFESSPA
BIBLIOTECA JOSINEIDE TAVARES

Monografia aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Professor Ms. Alexandre Santos Filho

Xinguara -Pa
2005

Agradecimentos

A todos os professores do curso de pedagogia 2000, pela contribuição para o meu crescimento intelectual e pessoal, em especial ao professor Davi passos, Professora Hildete e Professor Alixandre Santos.

A todos os colegas com os quais tive a alegria de conviver ao longo desses cinco anos, em especial a Lenilda, Elizângela, Gilvane, Neide Nalva e Betânia.

Dedicatória

A Deus pelo seu infinito amor e bondade, por me conceder coragem e determinação em busca dos meus objetivos.

Aos meus pais pela oportunidade que me deram de conhecer outros saberes aos quais não tiveram acesso.

Aos meus filhos, razão da minha luta, pela compreensão durante as minhas ausências.

Ao meu esposo pelo incentivo ao longo dessa jornada e pela compreensão nos momentos de dificuldade.

Àqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse trabalho, em especial à minha amiga Lenilda, com a qual dividi minhas angústias nos momentos difíceis.

Epígrafe

A imaginação é certamente uma faculdade que devemos desenvolver, e só ela nos pode levar à criação de uma natureza exaltadora e consoladora do que o rápido olhar para a realidade [...] nos deixa perceber.

V. Van Gogh

RESUMO

A educação brasileira, e o ensino de arte de modo especial, nas últimas décadas tem passado por várias transformações, reconhecendo-se a importância dessa área do conhecimento como igual à das demais disciplinas. Tais mudanças, no entanto ainda não se consolidaram nas práticas exercidas pela maioria das escolas, podendo se constatar ainda uma grande desvalorização dessa modalidade de ensino, inclusive no município de Xinguara.

Com o objetivo de conhecer a realidade do ensino de arte desse município de forma mais ampla, este trabalho apresenta um estudo sobre o cotidiano de trabalho dos professores de Arte, destacando aspectos de sua formação e prática pedagógica, metodologia adotada pelos docentes, dificuldades enfrentadas no dia-a-dia de trabalho, condições de trabalho dos professores, etc.

Tendo como base de estudo o referencial teórico adotado e os dados colhidos ao longo da pesquisa de campo, foi possível analisar a realidade do ensino de arte de Xinguara, destacando causas e conseqüências das práticas exercidas pelos docentes.

Em síntese, este trabalho procura fazer uma reflexão acerca do ensino de arte, em especial o ensino de arte de Xinguara, tentando apontar caminhos para os problemas constatados no decorrer desse estudo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I_ COMO PENSAR A ARTE NA ESCOLA	6
I.1. O que é arte?	6
I. 2. Ensino de Arte no Brasil: Tendência Idealista Liberal e Tendência Realista Progressista	9
I.3. O ensino de arte na contemporaneidade: Abordagem Triangular	13
I.4. Parâmetros Curriculares Nacionais: um enfoque à multiculturalidade	18
II_ O COTIDIANO DOS PROFESSORES DE ARTES DAS ESCOLAS PÚBLICAS: OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	21
III_ O Professor de Arte de Xinguara : análise do cotidiano escolar	31
Conclusão	41
Bibliografia	46
Anexos	48

INTRODUÇÃO

A escolha desse estudo nasceu da experiência que tive enquanto educadora no município de Xinguara nos anos de 2001 a 2003, quando atuei como professora e coordenadora de um programa do governo para erradicação do trabalho infantil. Durante esse período pude perceber o quanto ensino de arte é desvalorizado perante a comunidade escolar de uma forma geral, além, é claro, das dificuldades das mais diversas enfrentadas pelos professores no cotidiano de trabalho, que na maioria das vezes têm que improvisar as aulas.

Sabe-se que nas últimas décadas mudanças significativas aconteceram no ensino da arte, como a obrigatoriedade dessa modalidade de ensino no currículo, através da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 (LDB, art.26, § 2º, 1996), reconhecendo-se a importância dessa área do conhecimento para o desenvolvimento cultural dos alunos.

Além disso, a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino da arte representou um avanço nessa modalidade de ensino, em especial do ponto de vista teórico, deslocando-se o foco de atenção da educação tradicional, centrada

na figura do professor como transmissor de conteúdos, para o processo de aprendizagem do aluno.

Embora já se perceba algumas dessas mudanças na prática dos professores de algumas escolas, na sua grande maioria, ainda prevalece um ensino de Arte descontextualizado e fragmentado, onde os conteúdos são trabalhados de forma “solta”, sem estabelecer relações entre os diversos saberes artísticos. Além disso, poucos professores dessa disciplina têm formação específica, nem tampouco dispõem de estrutura escolar propícia ao desenvolvimento de um bom trabalho, o que dificulta ainda mais um ensino de arte significativo.

Entende-se que a educação de Xinguara não está isolada da realidade da educação do restante do país, podendo-se perceber os mesmos problemas enfrentados nas demais realidades. Tal situação agrava-se ainda mais na medida em que as instituições escolares não dispõem de profissionais qualificados, nem tampouco investem em infra-estrutura para um ensino de Arte mais significativo. Essas questões têm comprometido expressivamente a qualidade da Arte-Educação, ficando esta na maioria das vezes reduzida ao “lassaiz-faire” ou ainda a atividades fragmentadas e descontextualizadas.

Os problemas apontados acima fazem entender que há a necessidade de uma análise mais abrangente do cotidiano de trabalho dos professores de Arte das escolas públicas de Xinguara, o que me levou a realizar esse estudo, no intuito de conhecer de forma mais profunda a realidade desse profissional. Espera-se com esse trabalho contribuir com a comunidade escolar, fornecendo elementos significativos para a compreensão mais ampla da questão estudada.

Assim, esse trabalho parte dos seguintes questionamentos: “Como surge o professor de Arte de Xinguara?”, “Que conteúdos ele domina?”, “Que estratégias de ensino o professor utiliza na sua prática pedagógica?”, “Como é sua linguagem?”, “Qual sua conexão com o mundo da Arte?”, “Quais seus encantos, dificuldades, soluções?” , “Quais as condições oferecidas aos professores da rede municipal de ensino de Xinguara para o desenvolvimento das aulas de Arte?”, “Como se dá a participação dos alunos nas aulas ?”

A partir dos questionamentos acima mencionados foi possível elaborar as hipóteses a seguir acerca da realidade pesquisada: I-A atuação dos professores de arte se dá numa visão tradicional, com o predomínio de atividades fragmentadas e descontextualizadas; II_A formação dos professores é precária e incipiente para o exercício na disciplina de Arte; III-Há uma desvalorização da disciplina de Arte pela comunidade escolar; IV_A participação dos alunos se dá de forma passiva e desinteressada; V-A estrutura das escolas não favorece o desenvolvimento das aulas de Arte; VI-A organização dos conteúdos não leva em consideração os conhecimentos anteriores dos alunos acerca da arte.

Os questionamentos acima citados assim como as hipóteses levantadas a priori, orientam o processo investigativo desse trabalho, o qual tem como finalidade principal conhecer a realidade dos professores de arte das escolas públicas de Xinguara, desvelando aspectos da prática e formação pedagógica dos mesmos, como: grau de formação, concepção do ensino de Arte, formação dos professores, planejamento, organização e desenvolvimento das aulas, dificuldades enfrentadas pelos professores, importância dada ao ensino de Arte pelos educadores, condições de trabalho dos professores, materiais disponíveis, entre outros.

Relativamente à estrutura do trabalho procurou-se organizá-lo em três capítulos, dos quais o primeiro traz o estudo dos autores adotados como referencia teórico. O segundo consta das observações e descrições dos dados coletados durante a pesquisa de campo. O terceiro e último capítulo trata da análise dos dados coletados no transcorrer desse estudo, interpretados à luz dos autores que discutem o ensino de arte numa visão “pós-moderna” do ensino de arte, como Ana Mae Barbosa, Analice Dutra Pillar, Rosa Iavelberg, Vincent Lanier, Maria Felisminda de Rezende e Maria Heloísa C. de T. Ferraz, Irene Tourinho, Ivone Rícher e os Parâmetros Curriculares para o ensino de Arte, além de Luigi Pareyson e Alfredo Bosi, que discutem o conceito de arte no decorrer da história.

A escolha do referencial teórico justifica-se na medida em que se compreende a escola como um espaço democrático e, como tal deve proporcionar aos seus educandos o acesso e a socialização aos diversos bens culturais produzidos pela humanidade, promovendo um ensino de arte voltado ao crescimento progressivo dos alunos nos conhecimentos artísticos, estéticos e culturais, com bem ressalta Barbosa,

“_ A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos (2002: p.33).”

As considerações da autora referida sintetizam as propostas de ensino da pós-modernidade para o ensino de arte, não mais baseado em reproduções de modelos ditados pelos professores, nem na livre-expressão do aluno. Os objetivos do ensino de arte na contemporaneidade buscam ampliar a experiência estética dos alunos, acrescentando aos saberes que estes possuem a possibilidade de acesso aos

saberes universais. Assim, o objetivo principal do ensino de artes deve ser preparar os alunos para compreenderem as questões inerentes à arte, percebendo, imaginando, criando, analisando, etc, e não exatamente formar artistas (PCN, 2002: 32).

Diante do exposto, espera-se com esse trabalho contribuir para uma compreensão mais ampla das questões que envolvem o ensino de arte em Xinguara, permitindo aos envolvidos no processo refletirem sobre suas práticas, conscientizando-se de seu papel como educador crítico, reflexivo e atuante na transformação da realidade. Espera-se ainda sensibilizar os órgãos educacionais competentes, assim como a comunidade escolar para a necessidade de estruturar as unidades de ensino e implementar cursos de formação para os profissionais da educação de Xinguara, em especial, o professor de artes, dada a situação de descaso em que se encontra essa modalidade de ensino.

I. COMO PENSAR A ARTE NA ESCOLA

I.1. O que é arte?

Ao longo da história do homem observa-se que a arte ocupou e ocupa um lugar privilegiado na sua vida cotidiana, podendo-se observar desde a pré-história a íntima relação do homem com a arte.

O fato da arte estar presente em todas as culturas e grupos sociais, justifica-se na medida em que ela (a arte), constitui-se como uma forma singular de manifestação humana, permitindo ao homem comunicar seus valores, seus traços, sua cultura, suas crenças e suas tradições geração após geração, transmitindo significados que nenhuma outra forma de linguagem pode transmitir. Barbosa (1998) ressalta que através das artes desenvolve-se a percepção, a imaginação, a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo posicionar criticamente diante da realidade que o cerca, assim como conscientizando-o do seu papel como agente transformador.

Para melhor compreender o contexto educativo em arte da realidade pesquisada, primeiramente será feito um breve retrospecto dos conceitos de arte predominantes no decorrer da história humana, tendo como base teórica os autores Luigi Pareyson e Alfredo Bosi, assim como das concepções de ensino que predominaram ao longo do século XX no Brasil, referenciadas pelas autoras Ferraz e

Fusari.

Ao analisar-se o fenômeno artístico no decorrer da história humana, percebe-se que esse fenômeno está diretamente ligado ao contexto sócio-histórico e cultural em que o homem está inserido, podendo em certos momentos da humanidade ser concebida como a combinação entre a produção, o conhecimento e a expressão, noutros, porém, pode representar a predominância de um desses conceitos sobre os outros.

Ao analisarem os conceitos de arte predominantes no decorrer da história, autores como Alfredo Bosi (2000), abordam o conceito de arte como “techné”, predominantes na antiguidade, ou seja, a arte como transformação da matéria com vista ao suprimento das necessidades do homem. Aqui não há uma distinção entre o trabalho do artesão e do artista.

Luigi Pareyson (1997) enfatiza que num primeiro momento da história da humanidade, o fenômeno artístico era considerado como um “fazer”, ou seja, estava diretamente ligado à atividade fabril, ao domínio do homem sobre a natureza. Nesse sentido qualquer atividade desenvolvida com vista a transformar a matéria poderia ser considerada como arte, já que envolve invenção e inovação que são consideradas condição essencial para a realização da atividade humana.

Com a evolução das técnicas de trabalho, observa-se que a arte adquire um certo caráter científico, racional. É o que ocorre no Renascimento, quando os artistas recorrem a rigorosos conceitos matemáticos nas suas produções, sendo consideradas como arte apenas as obras produzidas dentro dos padrões da

perspectiva considerada como a única maneira correta de desenhar (BOSI, 2000: 42). Essa forma de ver a arte prevaleceu durante pelo menos quatro séculos, e situa o fenômeno artístico enquanto conhecimento.

A arte como expressão surge em oposição ao racionalismo presente na arte clássica. O expressionismo representa uma ruptura com os valores estéticos vigentes e caracteriza-se principalmente pela liberdade das formas e originalidade dos traços. No expressionismo o artista denuncia os dramas vividos pela sociedade fugindo dos padrões técnicos para dar vazão à sua sensibilidade através da livre escolha de cores e materiais (BATISTONE FILHO, 1989).

Ao discutir os conceitos de arte predominantes no decorrer da história, Pareyson (1997) não os descarta, mas amplia-os enfatizando que a arte sem dúvida é expressão. Assim como toda atividade humana a arte é também carregada de expressividade, no entanto, o significado de expressão não deve ser colocado como sinônimo de arte. A arte entre outras coisas é também expressão, não a expressão como força de sentimentos pura e simplesmente, mas como algo que mostra a personalidade do autor, com suas vivências e experiências de mundo, suas crenças e seus valores.

Nesse sentido, os conceitos atribuídos à arte como conhecimento, como expressão ou como fazer quando tratados de forma isolada também tornam-se reduzidos, uma vez que tanto o conhecimento, a expressão, quanto o fazer são atividades intrínsecas ao homem. Dessa forma, entende-se que a arte não se reduz a um fazer mecânico, executivo, mas sim a um fazer inventivo, no qual confundem-se projeto e execução. Como diz Pareyson

“A arte é portanto um fazer em que o aspecto realizativo é particularmente intensificado ...Nela a realização não é somente um “facere” mas propriamente um “perfacere”, isto é, um acabar, um levar a cumprimento e inteireza, de modo que é uma invenção tão radical que dá lugar a uma obra absolutamente original e irrepetível ... De modo, que pode-se dizer que a atividade artística consiste propriamente no “formar”, isto é, exatamente num executar, produzir, e realizar, que é ao mesmo tempo, inventar, figurar, descobrir”(1997:26).

Refletindo sobre as idéias do autor, pode-se dizer que a arte na sua essência é criação, forma, reinvenção, ato que se inicia na produção e se estende à análise do espectador. Tal criação nunca é ingênua, mas sempre carregada de intencionalidades, de visões de mundo, ou seja, está diretamente ligada ao contexto de cada indivíduo.

A predominância de uma determinada concepção em certos períodos ou contextos, no entanto, não representa a excludência entre essas formas de conceber a arte, nem se apresentam de forma isolada. Desse modo pode-se dizer que a arte é a conjugação do fazer, do conhecer e do exprimir, já que não existe arte se não houver a ação, a expressão e o conhecimento.

Assim como a arte, a prática educacional é orientada por princípios, idéias e valores presentes em cada grupo social e é determinada pelas concepções de ensino na qual se acredita, ou seja, por uma teoria do conhecimento na qual estão expressas nossas visões de mundo. Sendo assim, será feito um breve histórico das principais tendências que têm norteado o trabalho pedagógico em arte no Brasil ao longo dos últimos anos.

I.2. Ensino de Arte no Brasil: Tendência Idealista Liberal e Tendência Realista Progressista

Ao analisarem a trajetória do ensino de arte no Brasil as autoras Ferraz e Fusari (1993) mencionam a presença de duas tendências predominantes no ensino da arte ao longo da sua história que são: a Tendência Idealista Liberal e a Realista Progressista. A primeira delas parte do princípio que a educação escolar deve ser a condutora das transformações a serem processadas na sociedade. Desse modo, a escola teria a função primordial de dar resposta aos desequilíbrios sociais (FERRAZ & FUZARI, 1993:26).

A crítica a essa forma de pensar reside na crença ingênua da educação como redentora dos graves distúrbios sociais existentes no nosso país, pois sabe-se que os problemas citados têm raízes históricas e exigem um esforço conjunto de toda sociedade civil e governamental, no sentido de saná-los. A escola seria apenas uma das instâncias a contribuir para que essas transformações ocorram, mas não a única (IDEM, IBID).

No sentido de resgatar as concepções de ensino que têm embasado a educação em arte no Brasil ao longo dos últimos séculos, será feita uma breve síntese das idéias pregadas pelas pedagogias que fazem parte da primeira tendência.

Segundo Ferraz e Fusari (1993), embora já se observasse a presença da arte na educação jesuítica, o ensino de arte formalizado no Brasil surge só no século XIX com a fundação da Escola Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro e se consolida no início do Período Republicano. Influenciada pelo Neoclassicismo europeu, a arte

exercida no Brasil no Período Imperial procurava resgatar os padrões estéticos rigorosos desse movimento predominante durante o Renascimento, em oposição ao Barroco e ao Rococó, movimentos artísticos considerados populares.

Essa concepção de ensino de arte se afirma com a pedagogia tradicional instaurada no início do período republicano. Devido à influência da Revolução Industrial e das transformações ocorridas no campo político e sócio-cultural, o ensino de arte na escola tradicional é limitado ao desenho, baseado em cópia de modelos americanos com o fim único de preparação técnica do aluno para o mercado de trabalho, ou seja, um fim utilitarista.

A ênfase nesse modelo de educação está na busca da “perfeição”, na representação do real através de exercícios rigorosos de repetição de modelos fornecidos previamente pelo professor. Aqui não há lugar para a criatividade do aluno. A este cabe reproduzir passivamente os exercícios propostos pelo professor, observando noções de proporção, perspectiva, linha, forma, composição, etc., conteúdos considerados essenciais para o aprendizado da arte.

Em contraposição ao ensino tradicional, surge nos anos 30 um movimento chamado de Escola Nova ou Pedagogia Renovada. Apoiado nas idéias do filósofo americano John Dewey, nos estudos de Piaget e na psicanálise freudiana, a ênfase nessa proposta de ensino está na livre-expressão e busca a auto-expressão do aluno, no exercício da criatividade, na resolução de problemas. Acredita-se que os conteúdos a serem apreendidos devem partir do interesse do aluno, a metodologia deve iniciar com uma atividade que suscite um problema, propicie a elaboração de hipóteses de resolução e por fim se faça a experiência no sentido de se confirmar ou

não as hipóteses levantadas.

Transportada para as artes essa concepção de educação propõe uma ruptura com os modelos de “cópia” até então predominantes no ensino de artes, para implantar um ensino baseado na liberdade de criação e expressão do aluno. Ao professor não cabe intervir na produção artística do aluno, sob pena de “maculá-la”. Acredita-se no desenvolvimento progressivo do aluno através de experiências de percepção e sensibilidade do meio ambiente e expressão dos sentimentos, emoções, desejos, traumas, etc. Tais idéias são ancoradas principalmente nos estudos da psicologia e da psicanálise, conclui Ferraz & Fusari.

Outra pedagogia que faz parte da primeira tendência é a pedagogia tecnicista, a qual se sustenta nas bases conceituais do behaviorismo de Skinner, e tem como pressuposto do processo ensino-aprendizagem o domínio de técnicas e habilidades visando principalmente preparar o aluno para o mercado de trabalho, lembram as autoras.

Na década de 60 vários movimentos na área da educação de uma forma geral clamavam por uma escola de qualidade, o que culmina com o surgimento de algumas propostas de ensino dentro de uma visão emancipadora, dentre elas as pedagogias: libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos. Explicam ainda Ferraz & Fusari que entre os idealizadores dessas propostas estão Paulo Freire (pedagogia libertadora), Célestin Freinet (pedagogia libertária) e mais recentemente a pedagogia crítico-social dos conteúdos, tendo como principais defensores Demerval Saviani, José Carlos Libâneo, entre outros.

As vertentes citadas acima dentro de uma visão sócio-política acreditam no papel da educação como instância politizadora da sociedade, no entanto não atribuem essa responsabilidade somente à escola. Acredita-se que o processo de formação política do educando se dá na prática social mais ampla, e que cabe à escola propiciar a esse educando a apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados pela sociedade para que possa exercer sua cidadania de fato e de direito.

Continuam a explicar as autoras que as mudanças ocorridas nas últimas décadas no contexto educacional brasileiro também se fizeram sentir no ensino de Arte. Assim nos anos 80 movimentos organizados por arte-educadores de várias partes do país culminaram com conquistas significativas, como a obrigatoriedade do ensino de arte no currículo nacional, garantida na LDB N° 9394/96, art. 26, parágrafo 2º quando diz: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”, além do reconhecimento da importância dessa disciplina para o desenvolvimento do educando, como igual às das demais áreas de conhecimento, nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Embora tais acontecimentos tenham representado um avanço no ensino da Arte, especialmente do ponto de vista teórico, no entanto nem a obrigatoriedade do ensino de arte no currículo, nem tampouco o reconhecimento da sua importância foram suficientes para garantir uma educação de qualidade, ou seja, não propiciou aos educando o desenvolvimento estético e cultural, qual seja o de preparar os alunos para serem fruidores de arte principalmente (BARBOSA, 2003).

Vale salientar que em muitos contextos educativos, ainda prevalece esse modelo de educação em arte, principalmente nas séries iniciais, onde as aulas de arte são reduzidas à tarefa de colorir desenhos mimeografados em série para os alunos, comenta Barbosa (2002). Nesse sentido, a cultura do aluno é desconsiderada, o ensino é descontextualizado e os padrões estéticos considerados corretos são aqueles da cultura dominante.

Tal situação se dá principalmente pela formação deficitária dos educadores dessa área, que apesar de terem alcançado uma boa formação política ao final dos anos 80, no campo conceitual do conhecimento em Arte-Educação, esses profissionais ainda possuem uma formação insipiente, critica Barbosa.

Barbosa vai mais além e diz:

"Como resultado dessa falta de formação, temos um ensino de arte descontextualizado das questões contemporâneas, sedimentado ainda em atividades fragmentadas. Numa visão mais avançada do ensino de Arte, predomina a livre-expressão onde se enfatiza a criatividade do aluno, muitas vezes confundida com improvisação".

Nesse contexto de mudanças no ensino da arte no Brasil, nos anos 80 e 90, a autora Ana Mae Barbosa, sistematiza a "Abordagem Triangular" para o ensino da arte, que é fundamentada em três elementos básicos do ensino da arte: "o fazer artístico, a análise da obra de arte e contextualização da obra".

1.3. O ensino de arte na contemporaneidade: a Abordagem Triangular.

A Abordagem Triangular é fundamentada na proposta americana para o ensino de arte denominado DBAE (Disciplined Based Art Education) trazida para o português como Arte-Educação e entendida como disciplina, que tem como principais idealizadores Elliot Eisner, Brent Wilson, Ralph Smith, Marjorie Wilson, dentre outros. Segundo Elliot Eisner, o DBAE inclui quatro coisas que as pessoas fazem, ao se relacionar com arte: ver, produzir, entender e julgar acerca de sua qualidade. Nesse sentido o DBAE é composto por quatro disciplinas: a produção artística, a crítica, a estética e a história da Arte.

Outra influência na sistematização da Abordagem Triangular por Ana Mae foi o trabalho desenvolvido pelas Escolas Air Libres, no México, que tinham como principal objetivo resgatar a consciência cultural do povo mexicano. Através do ensino da arte baseado na produção artística e na leitura da arte nacional e da história da arte do país, buscava-se solidificar o espírito de cidadania do povo mexicano (BARBOSA, 2002).

Adaptado ao contexto brasileiro, o DBAE foi reestruturado, unindo-se as vertentes da crítica e da estética na leitura da imagem, preservando as vertentes da produção e da história da arte. A nova concepção de ensino e aprendizagem da arte foi denominada de "Abordagem Triangular, por envolver três dimensões: o fazer artístico, a leitura da imagem e a história da arte, posteriormente ampliada para contextualização.

Adepta da teoria multiculturalista, Barbosa acredita que somente um ensino de arte que integre a "produção da arte, a leitura da imagem, e a contextualização", será capaz de preparar os alunos para serem fruidores de arte, pois segundo essa autora,

o principal objetivo do ensino da arte na escola não é formar artistas, mas sim propiciar aos alunos a seu desenvolvimento estético e cultural.

A Abordagem Triangular representa o paradigma da pós-modernidade para o ensino da arte. O novo paradigma questiona os objetivos do ensino de artes baseado no desenvolvimento da criatividade, da percepção visual e coordenação motora, etc., assim como da produção artística desconectada da análise. A proposta para o ensino de arte na pós-modernidade, não descarta os objetivos acima citados, mas amplia-os, considerando-se a criatividade importante não apenas no processo de criação, mas também nos processos de leitura, interpretação e contextualização.

O objetivo principal na abordagem triangular é a ampliação das experiências estéticas e culturais dos alunos, entendendo-se como desenvolvimento estético a preparação dos alunos para compreenderem arte, como diz Barbosa

“O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento dessa produção pelo público” (2002,p. 32).

Para Barbosa o ensino de arte deve permitir ao aluno estabelecer uma inter-relação entre a produção e a leitura da imagem e seu contexto. Ao recomendar a leitura da imagem no contexto escolar a autora enfatiza que no nosso dia-a-dia estamos sendo confrontados a todo momento com uma infinidade de imagens, tanto móveis quanto imóveis, que nos ditam comportamentos, mudam nossos hábitos e

conceitos e quase nunca temos consciência disso. O resultado da nossa incapacidade de ler essas imagens é uma aprendizagem inconsciente, acrítica, alienada.

Nesse sentido faz-se mister uma proposta de ensino que prime pela alfabetização visual, pois é necessário que nos apropriemos da cultura hegemônica para que possamos combatê-la. Assim o ensino de arte, através da leitura da imagem, deve propiciar ao educando a compreensão dos diferentes códigos culturais, para melhor compreender a sua própria cultura. A leitura nesse contexto perpassa o âmbito da decodificação, e passa a ter um caráter mais amplo, o de atribuir significado à obra de acordo com as nossas próprias vivências, experiências de vida, ambiência cultural e contato com o mundo da arte.

O ato de ler implica necessariamente a transcendência do olhar para o ver. O ato de ver abrange uma complexidade maior que o olhar, pois envolve a atribuição de significados, os quais trazem em si uma carga de "culturalidade" inerente a todo ser humano. Desse modo, o ato de ver é subjetivo, não há um modo de ver, não há verdades absolutas, há sim múltiplos olhares para uma mesma situação. Assim,

"O que é descrito não é a situação, o fato, mas a interpretação que o leitor lhe conferiu, num determinado momento e lugar. O olhar de cada um está impregnado com experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias, interpretações. O que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar, filtrar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo".
(PILLAR, 2003: 74).

A Abordagem Triangular considera de fundamental importância que a leitura da imagem no ensino de arte se dê de forma integrada com a produção artística e a

contextualização. Entende-se por contextualizar, situar a obra no tempo e no espaço em que artista e espectador se inserem. Desse modo, diz Barbosa, “a contextualização pode ser não apenas histórica, mas social, antropológica, geográfica, ecológica, etc.”, (1998:38) rompendo-se com a idéia da disciplinarização e abrindo as portas da interdisciplinaridade e da multiculturalidade.

O fazer artístico na proposta triangular do ensino de arte supera o paradigma da livre-expressão, não descarta a criatividade, mas valoriza principalmente os aspectos cognitivos do aluno, entendendo que o processo de produção envolve tanto criação quanto recriação, entendida nessa proposta não somente como a releitura da imagem, mas como elaboração dos alunos.

Nesse sentido a produção do aluno será tanto mais rica quanto mais intensa for a sua experiência com o universo da arte. Para tanto não basta pedir aos alunos que produzam obras aleatoriamente, é necessário alimentá-los continuamente com o mundo da arte, seja através de visitas a instituições culturais, apreciação de eventos artísticos, trabalhos com publicações de materiais na área, elaboração de projetos que envolvem a produção artística da comunidade.

Ao analisar a trajetória do ensino da arte no Brasil, observa-se que a imagem esteve presente nas propostas de ensino na educação tradicional, foi abolida durante a Escola Nova e volta à tona das discussões em torno do ensino da arte nas décadas de 80 e 90 sendo reafirmada com a promulgação da lei de diretrizes e bases da educação 9394/96 e a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais sendo considerada como de importância elementar para o desenvolvimento estético dos alunos. Nesse sentido faz-se necessário que os profissionais da área de Arte estejam

preparados para abordar a questão da leitura da obra de arte de modo a promover esse desenvolvimento (ROSSI, 2001:16).

Ao abordar a questão do desenvolvimento estético, Rossi menciona autores como Abigail Housen, Michael Parsons, entre outros, que destacam a influência do contexto cultural no desenvolvimento estético do indivíduo. Para Parsons o significado atribuído a uma obra sempre depende de um contexto. Desse modo, as crianças entendem arte de forma diferente, dependendo da sua cultura e da sua convivência com o fenômeno artístico, escolarização, ambientes, valores da família, etc.

Para Parsons (1997) o desenvolvimento estético passa por estágios nos quais a criança vai tendo interpretações cada vez mais complexas e perfeitas que as anteriores. Vale ressaltar que tais estágios não se dão de forma regular como os estágios piagetianos, ao contrário, é cada vez mais flexível a posição de estudiosos contextualistas acerca dessa questão. Assim, segundo Parsons a interpretação da obra não é sinônimo de verdade. Interpretar é significar, e o significado, segundo ele nunca é desconectado do mundo vivido pelo indivíduo.

Ao analisar a trajetória da leitura da obra de arte introduzida nas escolas no Brasil, Barbosa (2003) destaca que durante o modernismo as principais formas de se fazer a leitura de uma obra eram a iconografia e o formalismo. Em ambas a prioridade era a obra e não o contexto ou o leitor. Assim a qualidade da obra era definida por critérios de originalidade e fidelidade dos elementos formais, desprezando-se o contexto cultural da obra e do leitor. Na contemporaneidade o conceito de criatividade se ampliou, não sendo mais atribuído apenas à produção da obra, mas estendendo-

se também à interpretação desta.

Diferentemente do modernismo, atualmente a “elaboração” e a “flexibilidade” são bastante valorizadas, desse modo, a obra é recriada na presença do espectador. Assim, ao ser interpretada, à obra são incorporados novos valores, crenças, modos de percepção distintos de acordo com o contexto cultural de cada um, ampliando o significado da obra.

Na contemporaneidade a arte é vista como algo intrinsecamente ligado ao meio cultural e social do artista e do espectador, superando o paradigma modernista, no qual havia uma única forma correta de interpretar uma obra, ou seja, através de suas qualidades visuais. No entanto objetos de arte são imagens significantes e precisam ser interpretadas. Hoje precisamos saber como as crianças entendem arte e não como elas percebem. Daí lançar como principal objetivo da arte-educação o desenvolvimento estético dos alunos. (BARBOSA, 2003).

Sendo assim o ensino de arte não pode mais se restringir à livre expressão e ao espontaneísmo tão difundido nas décadas de 50 a 60. O ensino de arte reclama por mudanças, mudanças estas que colocam o educador na posição de mediador do processo ensino aprendizagem e o obriga a se manter constantemente conectado ao mundo da arte, no sentido de proporcionar ao educando o objetivo maior no ensino da arte, o de compreender como homens e mulheres de diferentes tempos concebem e produzem arte.

Para que os alunos se desenvolvam esteticamente é de fundamental importância uma proposta de ensino que prime pela alfabetização visual, colocando o

aluno constantemente em conexão com o mundo das imagens. O professor nesse caso tem um papel elementar, pois precisa conhecer os códigos visuais e estéticos presentes tanto da cultura local quanto da cultura universal para poder construir seu projeto de trabalho (RICHTER, 2003: 92).

A ênfase no uso da imagem na sala de aula se dá pela carência da alfabetização visual em nossa sociedade, visto que a todo momento somos confrontados com uma sobrecarga de imagens, as quais nos ditam comportamentos, impregnam valores, hábitos. Como resultado do nosso analfabetismo visual, aprendemos inconscientemente através das imagens (BARBOSA, 1998).

1.4 . Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Arte

Segundo os PCN's-Arte (1998), a aprendizagem da arte se dá na interação do indivíduo com o mundo da arte, ou seja, o aluno deve ter uma trajetória de criação pessoal alimentada pelo universo artístico. É papel da escola, nesse sentido, propiciar informações sobre a arte produzida nos diferentes âmbitos, como o regional, nacional e internacional, promovendo a compreensão do papel das mídias na democratização e universalização dos bens culturais (p.44).

Assim, é desejável que o ensino de Arte compreenda o domínio dos diferentes tipos de conteúdos, como: fatos, conceitos, princípios, procedimentos, valores e atitudes e que tais conteúdos devem ser trabalhados combinando momentos de produção, apreciação e contextualização dos trabalhos artísticos de forma interligada (IDEM, 45).

Os PCN's-Arte acrescentam ainda que os conteúdos de arte devem ser trabalhados de forma adequada, levando-se em consideração os conhecimentos anteriores dos alunos e seu nível cognitivo. Para tanto o professor precisa, nessa proposta, dominar os conteúdos e procedimentos relativos à arte, observando, problematizando, instigando, enfim, propiciando aos alunos situações nas quais os alunos precisem fazer escolhas, resolver problemas, tomar decisões quanto a materiais, técnicas, instrumentos, etc., estabelecendo relações entre o seu conhecimento prévio da área artística e as questões que se apresentam em determinado trabalho.

Segundo os PCN's o aprendizado dos alunos em arte se dá também através de intervenções fundamentadas em questionamentos no decorrer do processo de criação dos alunos e também durante a atividade de apreciação de obras de arte, assim como durante as atividades de contextualização. Nesse sentido, é de fundamental importância que o professor conheça através de sua experiência as questões que possam surgir durante a atividade criadora, com o intuito de potencializá-las, ou seja, torná-las mais produtivas ((p.108).

Além disso, o espaço destinado às aulas de Arte deve ser concebido e estruturado de modo a favorecer o interesse e a criação dos alunos. Desse modo, deve ser organizado com os materiais a serem utilizados dentro do espaço de trabalho, deve ter clareza visual e funcional, deve ainda permitir a flexibilidade de remanejamento de materiais, objetos de trabalho de acordo com o andamento das atividades.

A articulação dos conteúdos do repertório cultural dos alunos com elementos

de outras culturas e contextos diferentes combinadas com a postura problematizadora do professor, assim como a estruturação do ambiente escolar propícia ao desenvolvimento das aulas de Arte, levarão os alunos a aprendizagens cada vez mais elaboradas no domínio dos conhecimentos artísticos e estéticos, promovendo a formação cultural dos mesmos e sua participação na sociedade como cidadãos conscientes.

II. O COTIDIANO DOS PROFESSORES DE ARTE DAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE XINGUARA: OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar os dados coletados ao longo da pesquisa que teve como público alvo professores da disciplina de Arte que atuam nas escolas públicas municipais da zona urbana de Xinguara. A referida pesquisa foi realizada em quatro escolas (56%) do total da rede municipal de ensino, abrangendo sete professores e dez turmas das séries finais do ensino fundamental.

Para a seleção das escolas que foram pesquisadas foi utilizado como critério aquelas com maior número de alunos, perfazendo um total de quatro escolas da zona urbana de Xinguara, dos turnos matutino e noturno. Quanto à localização das mesmas, três estão situadas no centro da cidade e uma em um bairro da periferia, sendo a clientela das referidas escolas, na sua grande maioria, alunos adolescentes e de baixa renda.

Com a preocupação de fornecer um quadro da realidade pesquisada o mais fiel possível, optou-se nesse trabalho pela pesquisa do tipo qualitativa, tendo como método a investigação participante. Tal escolha deu-se por entender que o contexto educativo, no caso específico, o contexto de Xinguara, constitui-se numa realidade caracterizada por um conjunto de relações entre sujeitos orientados por diferentes

concepções de mundo, o qual não pode ser estudado de maneira superficial, nem de forma objetiva, fazendo-se necessário um envolvimento maior por parte do pesquisador com os sujeitos que fizeram parte da pesquisa, com o intuito de compreender o fenômeno educativo em sua singularidade.

Segundo Ludke e André (1986) a abordagem qualitativa caracteriza-se, entre outros aspectos, como um tipo de estudo que tem no seu ambiente natural a fonte direta para obtenção de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Esse tipo de pesquisa envolve ainda a obtenção de dados descritivos, coletados diretamente junto ao ambiente e sujeitos pesquisados, a análise de documentos e de dados, elementos considerados essenciais para um estudo mais profundo sobre a realidade em questão, pois permite ao pesquisador mergulhar no universo de subjetividade dos pesquisados, captando aspectos que não podem ser mensurados.

Assim sendo, optou-se nesse trabalho pela metodologia da pesquisa participante, tendo como instrumentos de coleta de dados a observação da prática pedagógica, entrevistas com professores da disciplina de Arte e análise de documentos, como a proposta curricular do município. A escolha dos instrumentos de coleta de dados citados acima, assim como as formas de aplicação, justificam-se pelo fato de se acreditar que esses tipos de instrumentos sejam os mais adequados para a obtenção de dados de maneira mais completa dentro de uma realidade complexa como é a realidade educacional.

A observação da prática pedagógica foi realizada com a descrição das atividades realizadas durante as aulas, assim como as intervenções e/ou comentários feitos com os professores e alunos, considerados relevantes para análise. Para a

descrição foi utilizada uma ficha contendo as seguintes informações: dados de identificação da turma, conteúdos abordados, tempo de duração das aulas, atividades desenvolvidas, metodologia de ensino utilizada pelos professores, entre outras observações.

Para a entrevista foi utilizado um questionário composto de onze questões abertas e diretas, o qual foi aplicado a todos os professores pesquisados sob a forma de gravação, sendo os dados transcritos posteriormente. O referido questionário constava das seguintes perguntas: "Para você o que é arte?", "Há quanto tempo trabalha com a disciplina de Arte?", "O que o (a) levou a trabalhar com a disciplina?", "Você já participou de cursos de formação na área de arte? Quais?", "Você acha que sua atuação melhorou após essa formação?", "Você considera importante a formação continuada para o exercício de sua prática pedagógica?", "Como você organiza suas aulas? Que estratégias utiliza?", "que importância você atribui à disciplina de Arte no desenvolvimento dos alunos?", "Você percebe algum tipo de discriminação ou desvalorização da disciplina de Arte pela comunidade escolar?", "Você enfrenta algum tipo de dificuldade na sua prática pedagógica? Se sim, quais?".

O questionário, assim como as observações tinham o objetivo de conhecer a realidade dos professores de Arte de Xinguara, vislumbrando aspectos da sua formação e prática pedagógica, como: concepção do ensino de Arte, formação dos professores, planejamento, organização e desenvolvimento das aulas, dificuldades enfrentadas pelos educadores, importância dada ao ensino de Arte pelos educadores, entre outros.

Quanto às questões pesquisadas chegou-se aos seguintes resultados:

GRAU DE FORMAÇÃO	
SUPERIOR COMPLETO (HISTÓRIA)	14,28%
SUPERIO INCOMPLETO (LETRAS E PEDAGOGIA)	28,57%
MAGISTÉRIO	57,14%

TEMPO DE ATUAÇÃO NA ÁREA	
1 ANO	14,28%
2 ANOS	42,85%
3 ANOS	14,28%
5 ANOS	14,28%
+ DE 5 ANOS	14,28%

PARTICIPAÇÃO EM CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
OFICINAS E MINICURSOS	14,28%
PCN's	42,85%
NUNCA PARTICIPOU	42,85%

CRITÉRIOS DE ESCOLHA PARA ATUAÇÃO NA DISCIPLINA	
ALEATORIO	57,14%
COMPLEMENTO DE CARGA HORÁRIA	28,57%
CARÊNCIA DE PROFISSIONAL	14,28%

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES NO COTIDIANO DE TRABALHO	
FALTA DE MATERIAL	1º LUGAR
DESINTERESSE DOS ALUNOS	2º LUGAR
DESVALORIZAÇÃO DA DISCIPLINA	3º LUGAR
FALTA DE FORMAÇÃO	4º LUGAR

Como pode-se observar no quadro de tabelas, no que se refere à formação dos educadores que atuam na disciplina de Arte, procurou-se investigar nesse trabalho o grau de formação deles, podendo-se constatar através de entrevistas com os professores que nenhum deles possui formação específica na área de arte. Dos sete professores pesquisados apenas um possui curso superior completo, licenciatura em História, dois, curso superior incompleto, licenciatura em Letras e Pedagogia. Os demais apenas cursaram o magistério. (Conferir quadro de tabelas, p 27).

Além da formação dos professores, investigou-se ainda o tempo de atuação na disciplina, constatando-se que a maioria dos entrevistados tem em média dois anos de exercício na área de arte. Somente dois professores excedem esse tempo. Quanto ao tempo em que atuam na educação de uma forma geral, a maioria tem pelo

menos três anos atividade.

Questionados sobre os critérios de escolha para atuação em arte, a maioria dos professores pesquisados disseram não ter optado em lecionar a disciplina, apresentando dois critérios para lotação nessa área: o primeiro é o aleatório e o segundo o complemento da carga horária. Pôde-se constatar isso com ênfase nas respostas de duas entrevistadas:

"_ Eu falo mesmo que Educação Artística é considerada resto de matéria... eu fui lotada com essa matéria quando mexeram com a lotação no meio do ano e me deram essa disciplina, além de eu não ter habilidade, ainda me sentia discriminada, em me superlotar com uma carga horária máxima... eu acho que não foi um boa."

"_Primeiro me jogaram, e hoje é a necessidade de trabalhar."

Estas respostas representam a opinião sobre o assunto, que a princípio parece ser consenso entre os demais professores pesquisados. Porém, ao mesmo tempo é perceptível uma contradição entre a recepção e a atuação dos professores na disciplina Arte, visto que ao serem indagados: "você gosta de trabalhar com a disciplina Arte?", uma resposta quase em uníssono é recebida,_"sim'. Há, no entanto, exceções, duas disseram gostar parcialmente do que lecionam, já que é preciso, segundo uma das professoras, ter "habilidade" artística, que ela afirma não ter, enquanto a outra diz ter aversão à disciplina pelo fato dos obstáculos enfrentados, um deles a falta de material.

Ressalta-se que ao afirmarem gostar de atuar na área não significa que desde o início fosse assim, uma vez que ao receberem a disciplina alguns ficavam apavorados

e não gostavam, quer seja pela falta de afinidade ou por sentirem-se despreparados.

Além disso, perguntou-se sobre a participação deles em cursos de formação na área de atuação. Do total de professores pesquisados, três nunca participaram de cursos na área, os demais tiveram oportunidade de participar dos estudos dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) e oficinas oferecidas pela secretaria de educação do município. É importante observar que aqueles professores que não participaram de cursos e estudos na área de Arte, atuam também em outras disciplinas e optaram por participar dos estudos dos PCN's em outras disciplinas que ministram, como pode-se comprovar a seguir na fala de uma das professoras: “_ Os PCN's eu nunca participei, porque na época eu estava com a disciplina de História e a gente acaba priorizando.”

Ao serem questionados sobre as dificuldades enfrentadas no cotidiano de trabalho, os professores citam em primeiro lugar a falta de material, em seguida o desinteresse dos alunos pelas aulas e em último lugar a desvalorização da disciplina pela comunidade escolar. Apenas uma disse que a falta de formação é um obstáculo para o exercício da profissão, apesar de nenhum dos pesquisados ter formação específica de arte.

Com relação à forma de planejamento das aulas de arte, disseram que no início do ano é feito um planejamento anual junto com o coordenador do ensino de Artes, onde são selecionados os conteúdos a serem trabalhados, frisaram, no entanto, que na maioria das vezes eles têm que adaptar o planejamento às aulas, pela dificuldade de conseguir material para o desenvolvimento das mesmas. Quando se referem ao problema de material, os professores ~~subtendem~~ ^{subentendem} que existe situação crítica na

escola, tanto a nível de material prático quanto teórico. Segundo eles a secretaria de educação do município ficou de organizar apostilas para os professores com sugestões de conteúdos a serem trabalhados na sala de aula. Assim, poderão melhorar a organização das aulas tentando adaptar-se os conteúdos da realidade da escola. Sobre essa questão os professores dizem:

“_Por mais que a gente faça um planejamento anual, acontece a falta de material didático, então eu procuro trabalhar com sucata, com coisas mais simples, pintura, desenho.”

“_ No começo do bimestre a gente faz um planejamento para o ano todo... enquanto as apostilas gente tem que trabalhar à nossa maneira, até chegar o material e centrar no conteúdo. Quando a gente tem alguma coisa, algum livro emprestado do colega, você entra no conteúdo que foi selecionada para trabalhar anualmente, quando não, você sai coletando material aqui e ali, pedindo ajuda ao colega, pra ficar mais ou menos na base e os conteúdos não saírem tão diferentes.”

Durante a pesquisa percebeu-se os professores utilizando livros da rede de ensino particular, além de outros de edição antiga, impregnada de modelos e estereótipos. Observou-se também que não há material específico na escola, nem tampouco bibliotecas ou livraria local direcionadas ao ensino de arte, para consulta e apoio às aulas destes docentes.

Uma outra questão observada durante a pesquisa refere-se aos conteúdos ministrados, os quais são dados aleatoriamente, podendo-se ver o mesmo conteúdo com a mesma metodologia serem repetidos em séries distintas. Como exemplo disso, pode-se citar os trabalhos com peças teatrais, os quais em todas as turmas seguem a mesma metodologia, ou seja, não há uma variação desses conteúdos de acordo com o estágio de aprendizagem dos alunos.

Observou-se também que os professores utilizam a disciplina de Arte para trabalhar conteúdos de outras disciplinas, em detrimento dos conteúdos da própria área. Como por exemplo, pode-se citar o trabalho da professora Monalisa que diz gostar de trabalhar com os alunos atividades de leitura de textos, já que os alunos têm muita dificuldade nessa questão e também porque se identifica mais com a disciplina de Língua Portuguesa,

No decorrer da pesquisa pôde-se perceber que os alunos têm certos receios quanto ao ensino da arte, sobre isso perguntou-se aos docentes: “_Você percebe alguma desvalorização da disciplina de Arte em relação às outras disciplinas por parte da comunidade escolar?”

A resposta foi enfática, pois os professores acreditam que há uma desvalorização generalizada com relação à disciplina, tanto por parte de outros colegas, quanto pelos alunos. O relato da professora Vênus representa a expressão dos demais:

“_Eu percebo isso quando um professor precisa de uma aula para alguma coisa, aí falam assim: _Ah, pega a aula de arte! _ Quando tem alguma ornamentação na escola para fazer, chamam o professor de Artes. O professor de Artes é visto como um tapa-buraco.”

Ou então diz-se assim:

“_Boa parte dos alunos desprezam a disciplina, alguns falam : ah, meu Deus, já vem a professora de Artes, não sei nem pra que a gente está fazendo isso! Por parte dos pais também eu percebo que eles são os primeiros a contribuírem para o desinteresse dos filhos, porque quando se passa um trabalho de grupo para os alunos, por exemplo, geralmente os pais

reclamam.”

O desinteresse dos alunos, durante as observações feitas “in loco” era visível, podendo-se notar por repetidas vezes os alunos usarem o horário das aulas de arte para realizarem atividades de outras disciplinas, além de improvisarem os trabalhos de última hora, demonstrando como única preocupação a conquista da nota. Em alguns casos chegavam mesmo a copiar as atividades dos colegas.

Um outro aspecto investigado nesse trabalho relaciona-se à importância que os docentes atribuem à arte no desenvolvimento dos alunos. Sobre isso perguntou-se: “_ Que importância você atribui à disciplina de Artes no desenvolvimento dos alunos?”

As respostas obtidas foram variadas, entretanto, constatou-se que a maioria dos professores não possuem uma noção clara da importância do ensino de arte para a educação dos alunos, conferindo à arte o desenvolvimento de características como interesse e responsabilidade pelas aulas, características estas que não são necessariamente relacionadas ao ensino da arte.

Consideram o ensino da arte importante ainda para o desenvolvimento da percepção, da criatividade, da sensibilidade, aumento da auto-estima e da auto-expressão. Para alguns o ensino de Artes é importante porque permite ao aluno colocar pra fora seus conflitos, traumas, permitindo assim conhecê-lo através de seus trabalhos. Enfim, a arte permite aflorar o potencial artístico que o aluno traz dentro de si. A esse respeito é preferível conhecer o que dizem:

“_ Eu acho assim, que a arte desperta mais o interesse para essa criatividade do aluno, para ele expor naquele momento aquilo que ele realmente sabe fazer...”¹

“_Eu vejo que a importância psicológica é muito grande, porque através do desenho a gente pode ver como o aluno está se comportando, o que está sentindo... quando alguns alunos dizem que não sabem desenhar, você sente que esses alunos têm problemas e não querem mostrar... Muitos mostram a desigualdade, a desestabilização psicológica deles.”

_Eu considero a disciplina importante, porque eu sinto assim, quando os alunos vão apresentar um teatro, por exemplo, lá eles desinibem, se soltam mais...,também no geral, eles podem estar expressando o que eles pensam... “

Essa visão da arte como expressividade também pôde ser observada na prática dos professores em sala de aula. Como exemplo, pode-se citar algumas atividades realizadas nas turmas da professora Tarcila do Amaral.” Na primeira, a professora propõe aos alunos que se reúnam em grupos de seis alunos aproximadamente para montarem uma peça teatral. Como orientação sugeriu alguns temas, como o “uso de drogas”, “a violência”, entre outros. A atividade deveria ser realizada na sala de aula e teria como objetivo fazer uma apresentação no dia das mães. Durante os dois dias de elaboração da peça a professora não fez nenhum questionamento aos alunos acerca dos conhecimentos deles sobre a atividade, assim como também não trabalhou nenhum conteúdo da linguagem teatral, deixando a cargo da criatividade dos alunos a elaboração do trabalho.

Ao perceber a dificuldade de alguns alunos na escrita da peça, perguntou-se à professora se ela havia trabalhado o conteúdo anteriormente com os alunos, mas a resposta foi negativa. Em outra turma com a mesma professora foi passada uma atividade para os alunos, na qual os alunos deveriam escrever e montar uma história em quadrinhos. Ao dar o comando da atividade, alguns alunos disseram não saber fazer a atividade, ao que a professora retrucou que eles sabiam sim, já que no ano

anterior eles haviam feito o mesmo trabalho.

O tipo de atividade desenvolvida pela professora, assim como a metodologia utilizada, puderam ser presenciadas na maioria das salas pesquisadas e são alternadas com atividades de desenhos estereotipados e confecção de lembrancinhas para datas comemorativas. À medida que se prossegue a pesquisa, outras atividades semelhantes são constatadas, como a que a professora Monalisa realiza com seus alunos, ao levar desenhos mimeografados para os alunos colorirem em uma turma do ensino fundamental noturno, na maioria adultos, para comemorar o dia do livro.

Em outra aula a mesma trabalha com os alunos uma atividade de recorte e colagem usando também desenho mimeografado, no qual os alunos são orientados a criarem figuras de aves baseadas no modelo de instrução de um livro bem antigo. Durante a atividade, um aluno muda a forma de uma delas. A professora, então, ao ver a mudança que o aluno tinha feito disse ao mesmo que fizesse outra vez e que prestasse mais atenção ao modelo do livro, não permitindo variações do trabalho.

No transcorrer do exercício percebia-se o desinteresse generalizado pela atividade, com o único propósito de nota. Era visível o desinteresse dos alunos pelas aulas de arte, sendo essa característica mais evidente naqueles de maior faixa etária e do período noturno, atribuindo-se a isso as atividades infantilizadas ou descontextualizadas, como no caso das aulas em que os professores abordam a "história da arte". Sobre isso, pôde-se perceber que os professores restringem a história da arte à biografia de grandes artistas como Michelangelo, Leonardo da Vinci, Tarcila do Amaral, Ticiano, entre outros.

Vale ressaltar, no entanto, que as práticas dos professores pesquisados é reflexo das dificuldades das mais diversas que enfrentam no seu cotidiano de trabalho, dentre elas a falta de formação, espaço inadequado ao desenvolvimento das atividades de artes, falta de material, desvalorização da disciplina de Artes pela comunidade escolar, desinteresse dos alunos, salas superlotadas, entre outras.

III. O PROFESSOR DE ARTE DE XINGUARA: ANÁLISE DO COTIDIANO ESCOLAR

Este capítulo tem como objetivo discutir os dados coletados ao longo da pesquisa de campo, atentando-se às hipóteses levantadas anteriormente, as quais merecem ser citadas: “A atuação dos professores de arte se dá numa visão tradicional, com o predomínio de atividades fragmentadas e descontextualizadas”, “A formação dos professores é precária e incipiente para o exercício na disciplina de Arte”, “Há uma desvalorização da disciplina de Arte pela comunidade escolar”, “A participação dos alunos se dá de forma passiva e desinteressada” “A estrutura das escolas não favorece o desenvolvimento das aulas de Arte”. Tal análise terá como parâmetro o referencial teórico adotado no início desse trabalho.

Além das hipóteses mencionadas serão abordados num segundo momento dessa análise aspectos da realidade do ensino de Arte de Xinguara que não foram levantados a priori, mas que pela relevância que representam para a compreensão da questão estudada, merecem ser destacados. Assim, serão objetos de análise nesse trabalho a concepção de arte na visão dos educadores que atuam nessa disciplina, assim como a importância que os mesmos atribuem à formação continuada para o exercício da docência e ao ensino de arte para o desenvolvimento cultural dos alunos.

No que concerne às hipóteses apontadas anteriormente, foram constatadas várias situações no transcorrer das observações que permitem confirmá-las, já que as práticas exercidas pelos professores no decurso desse estudo evidenciam que não há uma preocupação com o crescimento progressivo dos alunos no domínio dos conhecimentos artísticos, ou seja, as aulas são planejadas e ministradas aleatoriamente, desconsiderando-se os saberes prévios dos docentes.

Tendo como base para análise o referencial teórico adotado e as observações feitas, é possível afirmar que o ensino de arte de Xinguara ainda é assentado em práticas ultrapassadas de ensino, com predominância de atividades de auto-expressão alternadas com a reprodução de modelos prontos e atividades de cópia, confecção de lembranças para datas comemorativas. Embora ambas as práticas sejam orientadas por diferentes concepções ou ainda se distingam quanto aos objetivos, entende-se que nem o ensino baseado em reprodução de modelos, nem um ensino reduzido à auto-expressão são suficientes para a formação de um aluno crítico, participativo, consciente das questões culturais de sua realidade ou de outros contextos, tampouco são capazes de promover o desenvolvimento dos alunos no domínio dos conhecimentos estéticos.

Entende-se que os professores ao optarem por desenvolver atividades de auto-expressão demonstram a preocupação em romper com os modelos prontos, predominantes durante muito tempo no ensino da arte, o que representa um avanço do ponto de vista conceitual. A crítica que se faz a esse tipo de metodologia reside na ausência de intervenções fundamentadas por parte do professor, uma vez que em grande parte das vezes a realização das atividades ficam a cargo única e exclusivamente dos alunos, cabendo-lhes a idealização, elaboração e apresentação.

Ressalta-se, no entanto, o trabalho de alguns dos professores que participaram da pesquisa, como a professora Guernica, que demonstra a preocupação em fazer um trabalho diferenciado, oferecendo aos alunos oportunidades para realizarem trabalhos críticos a partir de temas relevantes da atualidade e do contexto sócio-ambiental dos alunos, além de promover a discussão coletiva acerca dos trabalhos realizados.

Sobre isso, Barbosa (2002) lembra que o objetivo principal do ensino de arte nas escolas deve ser o de propiciar aos alunos o seu desenvolvimento estético e cultural, ou seja, preparar os educandos para serem “conhecedores, fruidores, decodificadores da obra de arte”. Assim sendo, não se descarta a livre expressão, mas entende-se que a essa prática deve ser acrescentada a apreciação, a educação dos sentidos e o julgamento das qualidades dos trabalhos produzidos pelos artistas, de modo a favorecer o desenvolvimento estético contínuo dos alunos (p.32). A apreciação, assim como a decodificação de trabalhos artísticos desenvolvem “fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade”, elementos básicos para a educação cultural de um país.

Com base nos argumentos da autora é possível dizer que a maioria dos professores de arte não estão preparados para lidarem com os conhecimentos nessa área, o que sem dúvida compromete profundamente o ensino de arte de Xinguara, e põe em cena um dos problemas mais sérios enfrentados no contexto educativo que é a falta de formação específica dos professores para o exercício na disciplina, comprometendo expressivamente essa modalidade de ensino.

Além disso, a maior parte dos educadores não possuem uma noção clara da

importância do processo de formação continuada para o exercício da docência. Embora a maioria considere importante, deixam mais evidente em suas respostas a necessidade de estarem se atualizando constantemente, o que não se constitui como erro, no entanto, limitam a formação continuada aos cursos oferecidos pela secretaria de educação, uma vez que em nenhum momento citam outras formas de buscar essa formação, como leituras ou outras fontes de pesquisa.

A ausência de políticas públicas voltadas a uma formação específica na área de Arte aliada à falta de compreensão da importância da formação continuada para a prática da docência em arte, tem levado os professores a práticas equivocadas, com o predomínio de atividades fragmentadas, ausência de planejamento adequado, contribuindo decisivamente para um ensino de Arte acrítico e descontextualizado das questões culturais do nosso país, as quais não despertam o interesse dos alunos nem atendem aos reais objetivos do ensino da arte, que é o de promover o desenvolvimento cultural dos alunos, como determina a LDB 9394/96 no seu artigo segundo quando diz “.

Sobre isso as autoras Ferraz e Fusari (2001) chamam a atenção para a necessidade de uma formação adequada e consistente na área de artes, de modo a promover transformações qualitativas no seu ensino. Para tanto os professores precisam aprofundar estudos e evoluir nos saberes estéticos e artísticos, aproximando os alunos do legado cultural e artístico da humanidade (p.53).

As autoras defendem ainda que é preciso desmistificar a idéia de que é impossível atualizar-se devido à escassez de meios culturais ou recursos tecnológicos, pois segundo elas a principal forma de buscar esse aprimoramento é a

atualização de leituras. Aliada a isso o professor precisa praticar ações como estudar, participar de cursos, buscar informações, discutir e aprofundar reflexões com os demais colegas docentes. Enfim, encontrar uma maneira de organizar o trabalho pedagógico com vistas a melhorar a qualidade do ensino de arte deve ser um desafio constante para os educadores (FERRAZ& FUSARI, 2001, p.54).

Os argumentos usados pelas autoras ganham sentido à medida em que se observa o desinteresse dos alunos cada vez maior pelas aulas de arte, já que não vêem sentido no que estudam, a não ser a conquista da nota. Atribui-se a esse desinteresse, a forma de organização das aulas, geralmente baseadas em conteúdos infantilizados e descontextualizados, assim como as metodologias utilizadas pelos professores, as quais sequer permitem uma discussão em sala, nem oferecem a esses alunos condições de se tornarem alunos participativos, críticos e reflexivos.

No que diz respeito aos conteúdos e metodologias utilizadas é importante mencionar que não se observou durante a pesquisa o uso de imagens na sala de aula, com exceção de um trabalho passado por uma professora, no qual os alunos tinham como tarefa a reprodução de algumas obras de arte para uma apresentação cultural na escola.

Apesar da iniciativa da professora em utilizar as imagens, o que pode-se considerar um avanço em relação às atividades desenvolvidas pela maioria dos educadores, a professora mostrou-se despreparada para trabalhar com esse conteúdo de forma crítica, limitando a atividade à simples reprodução das obras baseada em processos de imitação. Além disso, não promoveu sequer uma discussão acerca dos trabalhos produzidos, o que segundo Barbosa (1998)

propiciaria uma aprendizagem significativa, ao confrontar as produções dos alunos e a dos artistas, além de ser uma oportunidade para refletir sobre o contexto de produção da obra e seus autores, introduzindo noções de história da arte.

Barbosa (1998), enfatiza ainda que não se pode entender a cultura de um país sem conhecer sua arte. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação criadora, apreender a realidade do meio ambiente, a capacidade crítica, a criatividade, compreendendo esta não só na produção artística, mas ampliando-a ao processo de apreciação das artes, enfim, o desenvolvimento cultural dos sujeitos (p.16-17). Dentre as diferentes linguagens da arte, as artes visuais, pela importância que têm, devem ocupar lugar de destaque na composição dos currículos, por permitirem a compreensão da nossa identidade cultural, assim como a nossa alfabetização visual, elemento indispensável numa sociedade em que predomina o uso das imagens (p.16).

Para a autora somente um ensino que combine a produção artística, apreciação estética (através da leitura da imagem) e a história da arte (contextualização) correspondem à epistemologia da arte. Nesse sentido, acrescenta-se às observações feitas, que as raras tentativas de abordagem da história da arte pelos professores ocorreram de forma equivocada, limitando-se ao enfoque da biografia de grandes artistas como Michelangelo, Leonardo da Vinci, Tarcila do Amaral, Ticiano, entre outros, o que não se pode considerar um erro, no entanto, é importante lembrar que a história da arte é a história da obra de arte e seus produtores culturais, e seu ensino só é significativo se inter-relacionado com a apreciação e contextualização dos objetos artísticos, como bem lembra Barbosa.

É importante salientar que quanto ao currículo adotado pelas escolas públicas de Xinguara restringe-se a uma listagem de atividades e/ ou conteúdos que são trabalhados em todas as séries sem haver uma diferenciação de acordo com o grau de aprendizado dos alunos, o que coloca todos os alunos no mesmo patamar de desenvolvimento, desconsiderando-se os saberes prévios dos alunos. Há ainda que se levar em conta que o currículo para o ensino de Arte não estabelece diferença entre conteúdo e metodologia, podendo se observar determinadas atividades sendo colocadas como conteúdos.

As questões discutidas anteriormente mostram bem a realidade do ensino de Arte de Xinguara com todas as suas mazelas, e dá uma idéia clara dos critérios de seleção dos recursos humanos que atuam nessa área de ensino, ou seja, a escolha dos profissionais para atuar na disciplina de arte é feita de forma aleatória, ou ainda numa situação mais crítica são colocados nessa posição aqueles professores que necessitam complementar a carga horária. Tais questões confirmam que há uma desvalorização da disciplina de Arte pela comunidade escolar, podendo ser observada em todos os âmbitos da escola, quer seja pela escassez de material tanto teórico quanto prático, quer seja pelo desinteresse dos alunos ou pelos próprios professores ao privilegiarem outras disciplinas que ministram em detrimento da área de Arte.

Relativamente a essa questão, entende-se que a anemia teórica que domina os educadores na área de Arte, aliada à falta de compreensão da comunidade escolar acerca da verdadeira importância da arte para os educandos, têm contribuído para a permanência da hierarquização e desvalorização dessa disciplina no contexto educativo. Segundo Tourinho (2003), a falta de argumentos sólidos em defesa da arte

na escola é um dos fatores que têm corroborado a hierarquização e desvalorização desse ensino, pois na maioria das vezes esses argumentos se mostram vazios e alheios aos processos que compreendem a arte (conceber, fazer/criar, perceber, ler e interpretar) seus produtos, assim como a reflexão acerca dos processos anteriores (p. 31).

Somada à escassez de formação específica na área de arte, a precariedade das condições oferecidas aos educadores para o exercício da docência constitui-se em um dos fatores determinantes do processo educativo xinguarense, já que estes profissionais sequer dispõem de uma biblioteca para pesquisa na área de arte ou de materiais básicos para o desenvolvimento das aulas, como lápis de cor, réguas, e outros, sendo por vezes obrigados a improvisarem as aulas.

Privados de uma formação consistente e de condições adequadas de trabalho os professores de arte limitam-se a desenvolver atividades baseadas em imitação de modelos estereotipados ou de auto-expressão reduzidas ao "lassaiz-faire". No caso das últimas, embora despertem um interesse maior dos alunos, não oferecem um desenvolvimento progressivo destes nos conhecimentos artísticos, uma vez que as diferentes linguagens da arte são trabalhadas simultaneamente, podendo se observar numa única aula trabalhos com coreografia, música e teatro, sem no entanto propiciar aos alunos espaço para a reflexão desses trabalhos, o que sem dúvida tornaria a aprendizagem mais crítica e significativa.

Ao proporcionar-lhes a oportunidade de sugerirem, opinarem ou julgarem acerca dos trabalhos produzidos, os alunos são preparados para desenvolver as habilidades de julgar, apreciar e criticar, o que representa o caminho para o desenvolvimento

estético. Nesse processo, os PCN' lembram que o professor tem papel fundamental ao propor questões instigadoras para os alunos, para isso precisa dominar os conhecimentos artísticos no sentido de potencializar as atividades desenvolvidas.

Diante do exposto, entende-se que o professor de arte necessita aprimorar a sua formação no intuito de promover mudanças qualitativas no ensino de arte. Nesse sentido, Ferraz e Fusari (1993) lembram que o professor necessita conhecer quais são os interesses, vivências, conhecimento acerca da arte e práticas de vida dos alunos para organizar o seu planejamento, tendo como ponto de partida as experiências vividas pelos alunos no mundo da arte, no sentido de ampliá-las. Para a organização de tais atividades é necessário ter claro os objetivos a serem alcançados, ou seja, as unidades e tópicos de estudo devem levar em consideração o nível de conhecimento dos alunos nos conteúdos artísticos, assim como devem contemplar os aspectos ou características artísticas, estéticas e científicas de sua região (p.74).

Quanto aos procedimentos de ensino e aprendizagem será preciso que as aulas de arte sejam orientadas no sentido de propiciar aos alunos o aprender a fazer e analisar obras e produções artísticas e estéticas, de tal modo que apresentem um domínio progressivo no campo da arte, capacitando-os para aplicarem esses conhecimentos na vida social (idem).

Sobre isso os PCN-Arte (1998) sugerem que se eleja pelo menos duas diferentes língüagens para cada ciclo, podendo as outras formas de arte serem abordadas através de projetos interdisciplinares. A cada ciclo deverá se fazer escolha de outras modalidades, respeitando, contudo o nível de conhecimento dos alunos de

forma a garantir o aprofundamento desses saberes em cada modalidade artística. É desejável ainda que o aluno aprenda os diferentes tipos de conteúdos: fatos, conceitos, princípios, procedimentos, valores e atitudes, inter-relacionando o conjunto das aprendizagens, uma vez que tais conhecimentos não são estanques entre si (p. 45).

Nesse sentido, compreende-se que a organização dos conteúdos, assim como a escolha das metodologias a serem aplicadas em sala de aula devem ser previamente definidas pelos professores, despertando o interesse dos alunos e respeitando as suas vivências, de modo a ampliar os conhecimentos já existentes e propiciar o acesso e a compreensão dos bens culturais de outros contextos.

Somado às proposições feitas, outro fator coloca-se como crucial para a melhoria do ensino de arte, a organização do espaço de trabalho. Acerca disso é conveniente ressaltar que o espaço destinado às aulas de arte constitui-se como mais um impecilho no dia-a-dia dos professores de arte, uma vez que o único lugar de que dispõem é a própria sala de aula, quase sempre superlotada e inadequada aos trabalhos dos alunos, como pôde-se presenciar durante a apresentação de alguns trabalhos em grupos, como: peças teatrais, música, coreografias, etc.,. No caso das coreografias a falta de espaço para realizar certos movimentos comprometeu expressivamente a apresentação dos alunos, já no caso da música, o professor tinha que ficar controlando a empolgação dos alunos para não atrapalhar a aula da sala vizinha, devido à proximidade.

Os problemas apontados revelam a estrutura precária das escolas para o desenvolvimento das aulas de arte e reafirmam o descaso com essa área de ensino

ao longo de sua trajetória, sempre vista como saber inferior. No que se refere a essa questão, os PCN-Arte recomendam que o espaço destinado às aulas de arte seja concebido de modo a favorecer a produção artística dos alunos. Assim, deve permitir a organização dos materiais dentro do próprio espaço de trabalho, ter clareza visual e funcional, além de ser flexível e mutável, permitindo o remanejamento de materiais, e trabalhos de acordo com o desenvolvimento das atividades (PCN-Arte,1998:97). Um espaço concebido a partir dos critérios descritos propicia o desenvolvimento das atividades e desperta o interesse dos alunos para a criação artística.

Diante do exposto procurou-se nesse trabalho além de investigar os aspectos relacionados à formação e prática dos professores, conhecer ainda a concepção de arte na visão desses educadores. No que diz respeito a essa questão, pôde-se constatar que a maioria dos docentes têm dificuldades em formular um conceito de arte, atribuindo a esta a idéia de expressão dos sentimentos, das emoções, dos desejos ou do pensamento.

Como forma de clarificar a questão anterior, investigou-se ainda nesse trabalho acerca da importância atribuída pelos professores ao ensino de arte para o desenvolvimento cultural dos alunos. Sobre isso, observou-se a mesma dificuldade para elaborarem uma resposta, atribuindo muitas vezes à disciplina de Artes o desenvolvimento de características ou capacidades próprias do indivíduo como: interesse e responsabilidade pelas aulas, características estas que não são necessariamente relacionadas à arte. Além dessas características, atribuíram ao ensino de Artes o desenvolvimento da percepção, da criatividade, da sensibilidade, aumento da auto-estima e da auto-expressão, mostrando nas suas respostas uma visão "psicologizada" do ensino da arte.

Os conceitos formulados pelos professores acima referidos não representam a totalidade nem a complexidade da arte, no entanto é reflexo da formação deficitária ao contrário representam um conceito de arte reducionista, predominante em um certo momento histórico, mas que isolado não dá conta da dimensão do fenômeno artístico. Para Lanier (1997) argumentos como os utilizados pelos educadores acima referidos não refletem a verdadeira função da arte, pois segundo esse autor, aspectos do crescimento pessoal, psicológico ou ainda de outra ordem não devem ser o foco de atenção do professor, ao contrário, o principal objetivo do ensino da arte deve ser o de ampliar a experiência estética visual dos seus educandos, entendendo-se que essa experiência estética já é vivida por esses educandos antes da escola, portanto, cabe à esta o papel de ampliá-la, a partir do universo cultural dos alunos (p.46).

Assim, discursos em defesa da arte como promotora do desenvolvimento de competências ou habilidades necessárias a outras áreas do conhecimento não mais justificam a sua inserção no currículo como disciplina obrigatória. Para Iavelberg (2003) “a arte promove o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias a diversas áreas de estudo, entretanto não é isso que justifica a sua introdução no currículo, mas seu valor intrínseco como construção humana, como forma ancestral de manifestação” e, como tal deve ter o seu acesso permitido a todas as camadas da sociedade, propiciando-se aos indivíduos oportunidades educativas em arte através do contato freqüente com os objetos artísticos (pp.9-10).

Os conceitos formulados pela maioria dos professores, assim como a importância que os mesmos atribuem ao ensino da arte para o desenvolvimento dos alunos, mostram uma visão empobrecida da arte por esses educadores. Além disso, reafirmam e explicam as práticas dos mesmos no seu cotidiano de trabalho, as quais

como já foi citado anteriormente, assentam-se nas concepções tradicionais da educação e da auto-expressão, como orientadoras dessas práticas, deixando com isso de promover o desenvolvimento artístico e estético dos alunos.

CONCLUSÃO

A arte sempre esteve presente em todas as culturas e em todas as épocas. Não se tem conhecimento de nenhuma civilização que não tenha deixado sua contribuição ao mundo da arte. Mesmo as civilizações mais remotas deixaram seus traços artísticos para a humanidade, mostrando com isso a necessidade intrínseca do homem em comunicar-se com as gerações posteriores através da arte.

Assim, entende-se que a arte constitui-se em uma forma de linguagem capaz de transmitir significados que nenhuma outra forma de linguagem pode realizar, permitindo ao indivíduo expressar seus valores, suas crenças, costumes e tradições, visões de mundo, parafraseando Barbosa (1998). Além disso, através da arte é possível desenvolver a percepção, a imaginação criadora, a capacidade crítica, permitindo ao sujeito compreender o universo social e cultural em que vive, assim como perceber-se como agente de transformação da realidade que o cerca(p.16).

Embora a arte esteja presente no cotidiano das pessoas desde as mais antigas civilizações, o percurso da educação escolar em arte no Brasil é relativamente recente e está vinculado às concepções de ensino predominantes ao longo do século XX, as quais estão assentadas em concepções de ensino como a positivista ou educação tradicional, a escola nova ou a tecnicista.

Desse modo, temos a educação tradicional ou positivista, predominante nas décadas de 1930 e 1950, na qual o ensino de arte baseia-se em cópias de modelos estereotipados propostos pelo professor. Nessa concepção, a ênfase do ensino se dá na repetição de exercícios, colocando o aluno numa total situação de passividade. Em oposição ao ensino tradicional, surge na década de 30 e dissemina-se nas décadas de 50 e 60, a Escola Nova, na qual a ênfase do ensino se dá na livre expressão do aluno e no exercício da criatividade. Ao professor não cabe intervir na produção do aluno sob pena de maculá-la.

Ainda na primeira tendência temos a escola tecnicista, a qual se sustenta na base conceitual do behaviorismo de Skinner, e tem por pressuposto do processo ensino-aprendizagem o domínio de técnicas e habilidades visando preparar o aluno para o mercado de trabalho.

Em contraposição aos modelos acima citados, surgem nas últimas décadas influenciadas pelas pedagogias libertária, libertadora e crítico-social dos conteúdos e ainda pelos estudos desenvolvidos pela psicologia cognitivista, inúmeros movimentos de arte-educadores clamando por um ensino de arte de qualidade, o que culmina com o surgimento de algumas propostas de ensino dentro de uma visão emancipadora de educação, representando uma ruptura com os modelos de educação propagados pela escola tradicional, nova e tecnicista.

Assim, pode-se citar como as principais mudanças ocorridas no ensino de arte nas últimas décadas a obrigatoriedade do ensino no currículo, através da LDB nº 9394/96, bem como a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino de arte. Tais propostas apesar de representarem um avanço no ensino de

arte, especialmente no campo teórico, não foram suficientes para efetivar um ensino de qualidade em arte, pois a ausência de políticas públicas voltadas à formação de recursos humanos para atuarem nessa área, aliada à falta de estrutura das escolas brasileiras, têm contribuído significativamente para o fracasso dessas propostas.

Como resultado do que foi dito acima, temos professores totalmente despreparados atuando no ensino de arte, como é o caso dos professores citados nessa pesquisa, dos quais nenhum possui formação na área, sendo colocados nessa posição aleatoriamente, sem nenhum critério de formação. Essa realidade mostra o descaso com essa área do conhecimento que durante décadas ficou no esquecimento das políticas educacionais, e que embora nos últimos anos tenha havido um esforço no sentido de resgatá-la, ainda são esforços tímidos e incapazes de promover um ensino de arte de qualidade.

Sendo o contexto educativo xinguarense inserido na situação educacional do restante do país, não é de se estranhar que o mesmo ainda se assente em concepções de ensino ultrapassadas e descontextualizadas, limitando-se as aulas de arte à mesclagem de atividades baseadas em modelos de cópia, como desenhos mimeografados para os alunos colorirem, desenho livre, aprendizagem de técnicas, alternadas com atividades de livre-expressão, limitadas ao "laissez-faire".

Conteúdos como história da arte e apreciação artística raramente são trabalhadas na sala de aula, e quando há uma tentativa do professor em trabalhar com a história da arte, esta limita-se a biografias de artistas de renome, não se estabelecendo nenhuma conexão com os demais conteúdos ou atividades práticas.

Vale ressaltar, no entanto que as práticas dos professores é fruto da formação que tiveram, ou, melhor dizendo, da falta de formação, não podendo atribuí-los a culpa ou a responsabilidade por essa situação, uma vez que enfrentam no cotidiano de trabalho inúmeras dificuldades que os impedem de ter uma atuação mais dinâmica e consciente.

Entre as inúmeras dificuldades que permeiam a realidade desses professores podemos citar a falta de material tanto prático quanto teórico, levando-os a uma total situação de improviso das aulas, salas superlotadas, espaço inadequado às aulas de arte, desinteresse dos alunos pelas aulas, desvalorização da disciplina pela comunidade escolar, entre outras. De todos os problemas citados podemos classificar como o mais grave a falta de formação na área, porque esta os leva a cometer equívocos dos mais diversos, muitas vezes deixando de aproveitar o pouco material ou as poucas oportunidades de que dispõem para realizarem um trabalho mais significativo.

Diante do que foi apontado sobre a realidade estudada, faz-se necessário que os órgãos educacionais, em especial a secretaria de educação do município crie formas de promover a formação desses professores em serviço, haja vista que a carência dessa formação está comprometendo seriamente essa modalidade de ensino, privando os alunos dos benefícios que só a arte pode propiciar a esses educandos, benefícios estes que nenhuma outra disciplina pode oferecer.

Tal formação deverá ter como princípio básico preparar esses educadores para serem professores problematizadores, instigadores, mediadores do conhecimento em arte, valorizando a cultura que os alunos trazem consigo e proporcionando aos

mesmos o acesso aos códigos eruditos da cultura, como nos diz Barbosa:

“Se pretendemos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação dessa realidade” (2002, p.5).

Aliada a uma sólida formação dos educadores, a escolha do currículo é de fundamental importância para alcançar o objetivo principal do ensino da arte que é o de promover o desenvolvimento estético e cultural dos alunos. Para alcançar esse objetivo é necessário que o currículo forneça conhecimentos sobre a cultura local, assim como a cultura de vários grupos nacionais e internacionais, colocando os alunos em contato direto e freqüente com o universo artístico, pois acredita-se que somente esse contato contínuo será capaz de ampliar a experiência estética dos mesmos.

Assim, sugere-se como proposta de ensino aquelas assentadas num referencial teórico o qual valorize o uso da imagem na sala de aula, combinando as três vertentes a seguir: o fazer artístico, a leitura ou reflexão acerca das obras de arte, bem como a contextualização dessas obras.

A produção da arte faz a criança pensar criativamente acerca da criação de imagens, além de desenvolver o discurso visual, entretanto só o fazer não é suficiente para tornar o sujeito apto para entender arte. É necessário que a esta dimensão sejam acrescentadas a leitura da imagem e a contextualização. A leitura da imagem

se torna elemento essencial para a alfabetização visual. Através da leitura da imagem os alunos são preparados para a decodificação da gramática visual, ou seja, através da leitura desenvolve-se habilidades de ver, julgar e interpretar as qualidades da obra. É importante enfatizar que tal leitura não deve ser mecânica nem única, ao contrario deve ser um ato reflexivo, no qual cada um realiza de acordo com suas vivências de mundo, seu contexto cultural (BARBOSA, 2002:34).

A contextualização visa situar o artista e a obra no tempo e no espaço a partir do meio sócio-cultural. Contribui para o estabelecimento de relações entre diferentes obras, contextos, épocas, lugares, etc, acrescentando-se que essa contextualização pode ser tanto “histórica, quanto social, psicológica, antropológica, geográfica, ecológica, biológica”(IDEM, 1998:37).

Dentro de uma visão semelhante, as autoras Ferraz e Fusari (1993), recomendam uma proposta de ensino, tendo como princípio a educação estética, a qual deve conjugar-se com o “fazer”. A educação estética contribui para ampliar as habilidades já existentes, estabelecendo a relação entre o fazer e o refletir (pensar). Assim, para a efetivação de uma educação estética na escola sugere-se que o professor trabalhe com os alunos, procurando combinar as manifestações artísticas locais com as tendências nacionais e internacionais. Para isso precisa organizar um vasto repertório de documentos artísticos produzidos culturalmente como: pinturas, esculturas, gravuras, filmes, arquiteturas, fotografias, partituras, gravações em áudio e vídeo, textos dramáticos, roteiros, etc. (p. 62-63).

Além disso, precisa reunir informações complementares como textos, livros, teses, artigos em jornais, revistas, catálogos, etc, assim como materiais e

instrumentos para produções artísticas (papéis, tintas, lápis, argila, madeira, pedra, tecido, arame, luz...instrumentos sonoros, musicas, microfones...roupas ou figurinos, pincéis, goivas, gravadores, câmeras de fotografia, de vídeos, etc.)(FERRAZ & FUSARI, 1993: 63).

Um currículo organizado a partir dos elementos citados acima estaria sendo organizado de forma a atender os interesses e necessidades dos alunos, assim como contemplando os conhecimentos específicos da arte, e conseqüentemente proporcionaria aos educandos a inserção no universo cultural de outros contextos.

Desse modo, entende-se que o ensino de Arte de Xinguara necessita ser redimensionado, de modo a proporcionar aos educadores melhores condições de trabalho, investimento em cursos de formação, assim como a reestruturação das escolas públicas e a organização do currículo com prioridade aos temas relevantes da atualidade e do contexto cultural dos alunos. Acredita-se que medidas como as apresentadas trarão melhorias ao ensino de Arte e propiciará a valorização dessa modalidade de ensino que durante tanto tempo ficou no esquecimento das políticas públicas da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Tópicos Utópicos**. Belo horizonte: C/ Arte, 1998.

_____. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

BATISTONE FILHO, Dullio. **Pequena história da arte**. São Paulo: Papyrus, 2003.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a Arte**. São Paulo: Ática, 2000.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001Dez/1997.

DUARTE Jr., João Francisco. **Por que Arte-Educação?** São Paulo: Papyrus, 1991.

FUSARI, Maria F, de Rezende& FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.

Maria Helena Wagner Rossi. **Imagens que falam: leitura da arte na escola.** 2001: mediação.

STROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 13 ed. Petrópolis: vozes, 1999.

Parâmetros Curriculares Nacionais:**Arte/** Ministério da Educação. Secretaria de educação Fundamental. Brasília: A Secretaria, 1998.

PAREYSON, Luigi. Os Problemas da Estética. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PARSONS, Michael. Arte & Educação em revista. Porto alegre: rede arte na escola/ Pólo UFRGS: 1997.

PILLAR, Analice Dutra. Cap. 6 in Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2003.

RICHTER, Ivone Mendes. Cap. 7 in Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2003.

TOURINHO, Irene. Cap.2 in Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2003.

ANEXOS

CAMPUS DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
NÚCLEO DE XINGUARA
COLEGIADO DE PEDAGOGIA

Identificação:

Nome:

Séries em que atua:

Grau de formação:

Tempo de atuação na educação:

QUESTIONÁRIO

1º) Para você o que é arte?

2º) Há quanto tempo trabalha com a disciplina de Arte?

3º) Você gosta de trabalhar com a disciplina de Arte?

4º) O que o (a) levou a trabalhar com a disciplina de Arte?

5º) Você já participou de cursos de formação na área? Quais?

6º) Você acha que sua atuação em sala de aula melhorou após essa formação?

7º) Você considera importante a formação continuada para o exercício da sua prática de sala de aula? Por que?

9º) Como organiza suas aulas? Que estratégias você utiliza? Que conteúdos aborda?

10º) Que importância você atribui à disciplina de Arte no desenvolvimento dos alunos?

11º) Você enfrenta algum tipo de dificuldade na sua prática pedagógica? Se sim, quais?

ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS PROFESSORES DE ARTE DE XINGUARA

Identificação:

Nome: Cândido Portinari.

Series em que atua: 6ª e 8ª e EJA

Grau de formação: curso superior com graduação em história

Tempo de atuação: 12 anos

Questões:

Para você o que é arte?

Resp: na verdade é interessante porque cada artista tem uma definição própria para o que é arte, por exemplo, se você pega Pablo Picasso ele vai dizer que a arte é uma mentira que nos ensina a compreender a realidade, se você pega um artista plástico, ele vai dizer que arte que é a linguagem da comunicação. E é bem isso, porque através da arte você consegue se comunicar. E claro que cada pessoa vai ter um entendimento próprio para ela do que é arte, e isso é que é o legal na arte. É o seu entendimento do que é a arte. Pra você é um conhecimento, pra mim é um outro. E ai as vezes vai gerar algumas perguntas assim: pra que então a gente transformar o barro num utensílio, qual a função da gente tirar o som de um bambu... a arte ela tem varias funções na vida das pessoas, por exemplo, a gente pode falar da função que ela tem individual, da função social e da função ambiental. É através da função ambiental que a pessoa vai passar a observar tudo que esta ao redor dela, e ai vai entrar na questão que eu acho ainda mais importante que é a alfabetização estética. Eu gosto muito de falar do alfabetização estética e gosto muito de falar do analfabetismo visual, do analfabetismo musical.sonoro.

Resp. Comecei agora, esse ano.

3ª) Você gosta de trabalhar com a disciplina de arte?

Resp.

4ª) O que o levou a trabalhar com a disciplina de arte?

Resp. Na verdade a minha formação é em história, eu gosto de história, mas aí como havia uma carência na área de arte e como eu tinha um bom entrosamento com a arte eu peguei. Uma porque tinha carência e outra porque eu tinha um entrosamento achei que não seria difícil trabalhar até porque a arte e a história não deixam de andar sempre juntas, inclusive nos livros de história trazem todo um material sobre a arte, a arte grega, a arte romana, a arte bizantina, a questão dos mosaicos, então está junto e por eu já tocar facilita um pouquinho.

5ª) Você já participou de cursos de formação na área? Quais?

Resp. Nenhum.

6ª) Você acha que sua atuação melhorou após esses cursos?

7ª) Você considera importante a formação continuada para o exercício de sua prática de sala de aula? Por quê?

Resp. A os cursos, é importante, porque a gente vai ter outras novidades, outro conhecimento a respeito, vai melhorar o nosso conhecimento a respeito, e melhorar conseqüentemente a transmissão do que a gente vai passar para os alunos. Eu ainda consigo encaixar eles ali dentro, porque eu coloco as minhas aulas primeiro, porque se deixar por último eles acabam indo embora. Porque ate hoje eles ainda não consideram muito importante, mas uma coisa importante a gente pode ver a prova minha(eu fiquei sabendo hoje) eles demoraram mais para fazer a minha do que as outras, porque as minhas eram textos mesmo, eles tinham que falar dessa questão da analfabetização sonora, o cara tinha que

falei pra eles toda aula minha tem avaliação, mesmo que eu escreva alguma coisa no quadro depois tem os exercícios, tem que ter alguma coisa pra prender eles na sala, porque eles não se interessam muito não.

8ª) Você acha que há uma desvalorização da disciplina em relação às outras disciplinas pela comunidade escolar?

Há, até por parte de outros professores. Não olham com bons olhos a disciplina, até hoje eles não consideram importante, mas no Goiás pelo menos já estava caindo questões do vestibular relacionadas à arte, relacionadas à filosofia ...porque é uma disciplina como outra qualquer, ela faz parte do seu currículo, então assim há uma desvalorização até mesmo por parte do outro professor, porque eles pensam que qualquer um pode dar aula de arte, mas na verdade não é isso, não é só chegar lá e, por exemplo, sobre essa alfabetização estética, o professor tem que falar muito, e às vezes corre o risco de entrar até em conflito com eles, porque quando eu estou falando dessa questão, dessa alfabetização estética, visual, sonora, musical, aí eu entro numa questão que eles gostam, eu falo mal da "festa"(se referindo à musica do cantor Latino) ,falo mal daquele sapatinho de Sandy com aquele biquinho horrível e às vezes até tem na sala, mas eu entro com todo um jeito assim e acabo falando pra eles que a televisão fala isso, é o que mata o raciocínio hoje em dia. Ontem eu li um texto chamado "fendas", no qual tinha uma frase da autora em que ela dizia que a televisão forma, informa e deforma e aí eu volto numa frase que o Hitler falava, não era nem ele, era um ministro dele que dizia que uma mentira dita cem vezes se torna verdade, então eu entro em coisas que entra em choque com eles e eu acho isso importante, é o que a história faz, eu consigo despertar neles o senso crítico ... eu não quero que você concorde comigo, eu só quero que você reflita. Porque nós

ser que emociona, ele também é ser que pensa, que reflete. Então é isso que eu quero que vocês façam. Não é concordar com qualquer coisa que eu falo não, longe de mim. Então assim, se a própria comunidade escolar já discrimina, acha que qualquer um pode dar aula de arte... às vezes o professor faz cara feia quando chega na sala e a gente está falando, porque a gente começou um raciocínio e não quer parar...

9ª) Como você organiza suas aulas? Que estratégias você utiliza? Que conteúdos aborda?

Resp. Ah, tá. Esse ano nós iniciamos nosso conteúdo com isso “qual a função da arte?” Primeiramente nós fizemos uma definição da arte com várias citações de autores, de artista plásticos, de pintores, de filósofos, enfim, de várias pessoas e daí pedimos aos alunos pra fazerem uma definição de arte para eles e depois colando alguma coisa, fazendo uma montagem para terem uma idéia do que seria arte. Isso foi importante, porque eles têm uma opinião própria, inclusive coisas boas, frases interessantes que eles criaram. Nós começamos por isso, porque quando eu peguei já tinha gente que tinha entrado e introduzido o assunto. Depois nós partimos para as cores, as cores primárias, a simbologia das cores, é isso que nós abordamos. É isso que nós trabalhamos, é esse material. E assim a gente prepara de uma forma que eu consiga prender a atenção deles, nunca no início, mas no final, porque no final já esta mais desgastante aí eu aproveito ali dez minutos para cantar alguma coisa, mas lembrando nunca sertaneja, a não ser que seja uma bem antiga que tenha toda uma história, que eu possa depois utilizar, por exemplo, eu costumo cantar “aquarela”, que aí eu consigo falar para os alunos das cores, que existem dentro da música e ai também eu falo dos gênios da MPB, Toquinho que fez essa música, Vinícius de Moraes; eu canto “a casa”, eu canto

por exemplo, agora em cima dessa musica nós vamos estar criando alguma coisa, criando um desenho, criando somente as cores primárias, ou somente as terciárias ou as neutras.

Você costuma organizar isso num planejamento semanal, semestral ou individual?

Aula por aula, a gente faz não é nem bem um plano, é mais uma espécie de roteiro para usar aquela semana.

Esse roteiro que vocês fazem é em cima de um planejamento curricular da Secretaria ?

Nós fizemos um planejamento do 1º e 2º bimestre, inclusive eu estava só no da 4ª etapa,

aí eles me deram agora o da 3ª etapa, porque eu estava trabalhando sem planejamento.

Aí vocês trabalham tentando contemplar o que foi colocado no planejamento curricular da secretaria municipal ?

É, por exemplo, nós temos que ver agora sobre mosaico, nas 3ª etapas, eu passei alguma coisa sobre a história do mosaico, que é importante, e agora nessa semana nós vamos confeccionar esse mosaico.

Então quando você trabalha algum conteúdo você faz uma relação com a história?

Volto na história pra ver como surgiu, a questão do mosaico bizantino que começa, dos artistas, já que o poder tanto político quanto religioso era controlado pelo imperador, então vai surgir lá...aí eu falo toda história como surgiu, que se fazia um mosaico mais só com arte cristã mesmo, porque a Igreja Católica não

deixava fazer outra coisa, a não ser arte que tinha santos, igrejas, era pra chamar mais a atenção dos fiéis. Aí lá a gente cria, faz o mosaico que se quer.

Quando você falou lá no início do analfabetismo visual, quando você trabalha, seja um mosaico, seja qualquer outro tipo de artes visuais, você consegue trazer alguma coisa para que os alunos vejam ou é difícil, falta material?

Resp. Não tem material, o que tem de material é do próprio livro (livro da rede objetivo) que eu consegui, por que aqui eu não conheço muita gente, fica difícil, se eu tivesse no Goiás, eu estava na minha área, eu saberia onde buscar... mas eu ainda consigo levar alguma coisa, mostro alguma coisa que a gente pode utilizar, costumo fazer montagem de músicas, por exemplo, eu coloco três músicas que tenham alguma coisa a ver, você encaixa, começa a cantar uma e passa pra outra, isso tem no próprio livro ...às vezes eu consigo desenhar aquele “Abaporu” não é? E às vezes eu costumo fazer o desenho do que vem em minha mente, aí todo mundo já viu aquele desenho, aí a gente fala a questão de onde pode ser aquela paisagem, aí eles começam a falar , por que tem um cacto, a gente costuma falar alguma coisa desse tipo, mas assim, não tem um material, ainda está escasso. Por exemplo, tem coisas que eu poderia levar o retroprojetor, trabalhar com imagens, ainda quero fazer ainda, mas agora está complicado.

10ª) Que importância você atribui à disciplina de Arte no desenvolvimento dos alunos?

Resp. “Ela desenvolve a percepção, as pessoas começam a perceber mais, principalmente o que eu falei na função ambiental dela, o aluno começa a observar mais a estética, tudo o que cerca ele, tanto a observar quanto a ouvir, por exemplo, começa a observar não só a paisagem natural como também a

você começa a observar, a achar bonito ... quem não acha bonita um por-do-sol, um nascer do sol, uma lua cheia, quem não acha bonito?"

11ª) Você enfrenta algum tipo de dificuldade na sua prática pedagógica?

Resp: As dificuldades, primeiro é que você tem que ser versátil, tem que conseguir um jeito de prender a atenção dos alunos, de fazer eles se interessarem por arte, eu acho que há muito tempo ela ficou assim no anonimato, a arte, não era tão importante, assim como a religião, aula de arte não era importante e, com isso foi criando esse estereótipo aí, nem para a comunidade escolar e foi criando isso, então já é uma dificuldade que você enfrenta. Outra dificuldade é a questão do material, não dispõe de material, para eles levarem é complicado.

E a estruturação do local atrapalha pra desenvolver as atividades?

Resp: Se tivesse uma sala própria pra arte, que lá ficasse o material, que lá pudesse sujar... agora lá se põem as minhas aulas primeiro é complicado porque suja muito, aí quando entra o outro professor já começa a falar.

Quando você trabalha uma música há reclamações por parte dos outros colegas?

Resp. Mas a musica nem tanto, mas é pintura, a sala fica suja, quando se usa tinta guache e pinta carteira, cai ali, a sala fica suja ai o outro professor já fala, a gente faz o circulo, até que arrume, se deixar para as últimas aulas os próprios alunos vão embora, esse é outro dilema, sem falar no material, se a escola tivesse assinatura de revistas, facilitava. É isso dificuldade a gente enfrenta de todo lado, começando por esse estereotipo de se achar que qualquer um pode dar aula de arte, não é bem assim, Poe exemplo, se eu pudesse escolher eu não daria aula de arte, eu acho que deveria ser uma pessoa que tivesse cursos, a minha

formação é outra e eu quero dar aula naquilo que eu tenho material, que eu tenho mais desenvoltura, mas eu acho gostoso trabalhar arte.

Nome: Tarcila do Amaral

Series em que atua: 6ª e 8ª e EJA

Grau de formação: curso superior com graduação em história

Tempo de atuação: 12 anos

Questionário

1ª) Para você o que é arte?

Resp. Arte é qualquer manifestação humana que envolva criatividade individual ou coletiva fazendo com que o individuo desenvolva mais uma habilidade que a outra, tornando assim cada ser essencial para a sociedade.

2ª) Há quanto tempo trabalha com a disciplina de Arte?

resp. 5 (cinco) anos.

3ª) Você gosta de trabalhar com a disciplina de Arte?

Resp. Gosto.

4ª) O que o(a) levou a trabalhar com a disciplina de Arte?

Resp: Olha, simplesmente a secretária de educação chegou e me lotou com essa disciplina, inclusive num primeiro momento eu tremia até o dedão do pé, por que eu nunca tinha trabalhado, principalmente com o ginásio, era a primeira vez pra mim, mas ai depois eu peguei o ritmo e estou até hoje.

5ª) Você já participou de cursos de formação continuada?

Resp: Já. PCN's e oficinas de teatro de bonecos.

6ª) Você acha que sua atuação em sala de aula melhorou após essa formação?

Resp: Bastante. A maneira de trabalhar com os alunos melhorou bastante, aprendi muito com os outros colegas.

7ª) Você considera importante a formação continuada para o exercício da sua prática de sala de aula?

Resp. Porque é muito importante renovação na sala de aula e é uma renovação tanto pra mim como professora como para os alunos.

a) 8ª) Como você organiza suas aulas? Que estratégias você utiliza? Que conteúdos você aborda?

Resp. O planejamento está sendo feito junto com os coordenadores das escolas. Função da arte, desenho, linhas, cores, retrato falado, peças, teatro, telejornal, textos, historias em quadrinhos, alto contraste, caricaturas, romantismo, impressionismo, colagem, rosto humano.

9ª) você sente alguma discriminação da comunidade escolar com relação à disciplina de Arte?

Resp. Já senti discriminação pela parte dos colegas, porque assim, eles acham que a arte não tem um valor igual às outras disciplinas, então por isso a gente é muito discriminada.

10ª) Que importância você atribui ao ensino da arte para o desenvolvimento dos alunos?

Resp: A arte ela contribui para ampliar o entendimento e a atuação dos alunos ante os problemas vitais que estão presentes na sociedade de nossos dias.

11ª) Você enfrenta algum tipo de dificuldade na sua prática pedagógica?

Resp. Com certeza. É porque primeiro é em questão de materiais, os alunos não trazem o material, outros dizem que não tem condição de comprar, então é uma das dificuldades que a gente sente em trabalhar Arte.

Identificação:

Nome: Monalisa

Series em que atua: 6^a, 7^a E 8^a

Grau de formação: Magistério e estudos adicionais

Tempo de atuação na educação: 16 anos

Questionário:

1^a) Para você o que é arte?

Resp: Eu acho que é uma forma de expressar o trabalho da gente através do desenho de musicas de peças teatrais, eu acho que é uma forma de expressar o nosso conhecimento artisticamente dessa forma, num teatro ...

2^a) Há quanto tempo trabalha com a disciplina de arte?

Resp. Dois anos.

3^a) Você gosta de trabalhar com a disciplina de Arte?

Resp. Em parte. Em parte. Porque eu não tenho muita habilidade, eu sinto mesmo que eu não sou aquela pessoa prendada e a dificuldade de material e, principalmente, às vezes tem muitos trabalhos que a gente pode fazer, mas as condições financeiras dos alunos dificultam muito, e aí antes da gente passar um trabalho que exija que os alunos tenham que comprar, a gente tem que pensar duas vezes e termina fazendo trabalho que às vezes nem é interessante e eu sinto em mim que falta habilidade.

Você atribui essa falta de habilidade a uma falta de identificação com a disciplina ou a uma falta de formação para atuar com a disciplina?

Não eu acho que é uma falta de habilidade mesmo, no caso, na parte artística eu

mesmo, não é nem falta de formação, tem gente que já está no sangue de repente criar alguma coisa que fica bonito, no meu caso não surge esse efeito.

4ª) O que o (a) levou a trabalhar com a disciplina de Arte, foi escolha própria ou foi falta de opção?

Resp. “Eu falo mesmo que Educação Artística e Religião são consideradas resto de matéria, colocadas como resto, porque eu fui lotada com essa disciplina na época em que mexeram com a lotação no meio do ano e me deram essa disciplina, e apesar de eu não ter habilidade, eu ainda me sentia discriminada me superlotar com uma carga horária máxima com tantos diários, com tantas exigências, eu acho que não foi uma boa... Tem coisas que eu acho bom, quando trabalho uma leitura, uma produção de texto, aí eu já gosto mais e quando eu consigo fazer um trabalho que saiu um pouco melhor.”

5ª) Você já participou de cursos de formação na área? Quais?

Resp. Só os PCN's.

6ª) Você acha que sua atuação em sala de aula melhorou após esses cursos de formação?

Resp. “Melhorou, porque o pouco que a gente pega já serve, porque tem experiência de outros colegas. Agora era bom que os cursos fossem mais longos e que mostrassem mais oficinas pra gente ter mais base, porque eu não descarto... quando eu vejo que na televisão tá passando alguma coisa que tem a ver com arte ...porque eu não gosto de fazer trabalho mal feito, eu sou sincera quando falo que foi me dado como resto de matéria, mas pelo fato de eu me sentir assim, não é por isso que eu vou fazer um trabalho mal feito. Eu procuro aperfeiçoar, buscando é na televisão quando eu sei que tem um programa que mostra algum trabalho artístico, é em livros, é com colegas.”

7ª) Você considera importante a formação continuada para o exercício da sua prática de sala de aula?

Resp. “Considero, porque a gente nunca sabe tudo. Todo dia é uma nova coisa, todo colega traz uma nova experiência, todo professor ou orientador tem uma orientação nova pra gente, uma bagagem que soma com a da gente.”

8ª) Como você organiza suas aulas? Que estratégias você utiliza? Que conteúdos aborda?

Resp. “Por mais que a gente faça um planejamento anual, mas acontece a falta de material didático que venha da Secretaria pra gente, falta também aquela questão de ter que exigir dos alunos, então eu me planejo e a forma de eu trabalhar, eu procuro trabalhar com sucata, com coisas mais simples, pintura, desenhos.”

Que tipos de conteúdos você prioriza nas suas aulas?

Resp. “Eu procuro dosar um pouco de cada coisa, mas que nem a 8ª série, por exemplo, o turno da noite, eu vou especificar o turno da noite, como são pessoas que geralmente trabalham durante o dia, além do cansaço demonstram falta de empenho nessas atividades, nessa disciplina, então eu costumo trabalhar também a parte cultural, textos literários, biografias, pintores, mas nem se pode aprofundar nesses assuntos porque não se tem fonte, então termina se fazendo atividades práticas, porque se redigir uma prova escrita é também motivo de ter nota baixa.”

9ª) Você considera que a comunidade escolar desvaloriza a disciplina de Arte?

Resp. “Colocam tanto a disciplina quanto os professores como desocupados também, questão de final do ano chamar os professores desocupados para ajudar na secretaria, que no caso os professores desocupados são os professores são

os de Arte e Religião.” **10ª) Que importância você atribui à disciplina de Arte no desenvolvimento dos alunos?**

Resp. “Eu acho ela importante até o ponto em que o aluno faz as suas atividades e assiste às aulas com prazer, mas quando ele sabe que tem que assistir porque aquilo ali, ele assistir, ele fazer os trabalhos, ele fazer uma prova requer uma nota, ele se obrigue a fazer aquilo ali ou a fazer mesmo reclamando, aquilo ali é uma tortura, mas quando ele faz com prazer ...aí vem assim, aonde que a gente descobre esse prazer, se a gente coloca uma peça teatral, cadê o tempo desse aluno...(eu falo dos alunos da noite)”. “_Você trabalha com essa disciplina durante o dia?” “_Trabalho com uma turma.” “_Você sente que é diferente?” “_O compromisso da turma do dia é bem diferente. “

11ª) Você enfrenta alguma dificuldade na sua prática pedagógica? Se sim, quais?

Resp. “Pois é, eu acho que tudo que a gente faz é bom que tenha habilidade, eu gosto de língua portuguesa, como eu gosto de língua portuguesa e nunca tinha tido oportunidade de trabalhar aqui no ensino regular, então eu considero que educação artística era me dada como complemento de carga horária, como sobrou aquele professor . então eu me coloco assim como tem uma costureira que costura bem, tem as pessoas que são prendadas para certos tipos de coisas e outras já deixam mais a desejar e eu me vejo como uma dessas a desejar em Educação Artística, mas não que eu seja relapsa com o meu trabalho e que pelo fato de eu não ser prendada isso ir de água abaixo, mas eu acho que assim como os alunos fizesse um trabalho gostoso e prazeroso também, não só pela questão da falta de material, mas também que eu tivesse mais habilidade.” “_Você acha que se tivesse uma formação nessa área, teria mais prazer de trabalhar essa

Resp. “Teria sim, porque as poucas oportunidades que eu tive de estar no PCN já me enriqueceram, o pouco tempo de eu procurar uma colega, de eu pesquisar um livro já me ajudaram, imagine um curso de formação, que além de mostrar alguns trabalhos já encaminha a gente pra outras coisas, para a pesquisa.”

Nome: Anita Malfati

Series em que atua: 5^a a 8^a séries

Grau de formação: magistério

Tempo de atuação na educação: 4 anos

QUESTIONÁRIO:

1ª) Para você o que é arte?

Resp: para mim é transmitir um pensamento, uma idéia, expor um pensamento, tem vários tipos de expressar o que é arte, pra mim, no meu modo de pensar é expressar o pensamento, a maneira de agir, como fazer... pra mim arte é isso

2ª) há quanto tempo trabalha com a disciplina de arte?

Resp. Três anos.

3ª) você gosta de trabalhar com a disciplina?

Resp. Gostar, eu gosto, mas tem uns obstáculos que fazem você não gostar de Arte, a falta de material, o apoio que você precisa, cursos... fazem com que você deixe de gostar tanto de arte.

4ª) O que o (a) levou a trabalhar com a disciplina de Arte?

Resp. Não foi uma escolha própria. Surgiu uma oportunidade de trabalhar na escola e me fizeram o convite e eu já tinha uma curiosidade de como seria trabalhar Arte, eu aceitei e gostei.

5ª) Você já participou de cursos de formação na área? Quais?

Resp. Não. Nenhum.

6ª)

7ª) Você considera importante a formação continuada para o exercício de sua prática de sala de aula? Por quê?

Resp. “Com certeza se tivesse cursos seria uma ótima oportunidade para ensinarmos coisas novas para nossos alunos, já que a gente não tem aquela base, então o curso ia servir para complementar, né? Seria de grande ajuda.”

8ª) Você sente alguma discriminação por parte da comunidade escolar com relação à disciplina?

Resp. “Existe. Muitas das vezes nas reuniões a gente se sente um pouquinho excluído do resto da turma, porque tem uns que trabalham com outras disciplinas como língua portuguesa, matemática, então geralmente vêem a disciplina Arte como “um tapa buraco”, ou então quando você vai dar uma opinião sobre alguma coisa, alguns dizem assim: ah, mas é Arte! Passa um trabalhinho ali que está tudo resolvido.” **_Essa discriminação você percebe também por parte dos alunos e dos pais?** “_Boa parte dos alunos desprezam, alguns falam: ah, meu Deus já vem a professora de arte, não sei nem pra que a gente está fazendo isso. Então, são aqueles desinteressados, que infelizmente são a maioria. Por parte dos pais, eu percebo nas reuniões que eu participo, que os pais são os primeiros a contribuírem para o desinteresse dos filhos, porque se você passa um trabalho que envolve oito integrantes para uma apresentação de um trabalho, vem um pai e fala que você não pode passar um trabalho tendo oito pessoas pra participar de um grupo, se você passa um coreografia não tem como ser feita só de uma ou duas pessoas, então já vieram pais de alunos na escola reclamarem porque a professora de Arte só passa trabalho envolvendo cinco ou seis pessoas. Então, tiram um pouco do interesse do aluno, porque o pai fala assim: “todo dia você está saindo para ensaiar este trabalho”.

9ª) Como você organiza suas aulas? Que estratégias utiliza? Que conteúdos aborda?

Resp. “No começo do bimestre a gente faz um planejamento e a gente já separa todos os conteúdos para trabalhar durante o ano todo. Aí fica aquela espera, será que vem a apostila, será que não? Enquanto as apostilas não chegam a gente tem que trabalhar à nossa da gente, até chegar o material e centrar naquele conteúdo. Quando a gente tem alguma coisa, algum livro emprestado do colega você entra no conteúdo que foi separado pra trabalhar anualmente, mas se não vai tudo assim rapidão e você sai coletando material daqui e dali, pedindo ajuda de outro colega que já trabalha com arte, perguntando o que o colega está trabalhando para você ficar mais ou menos na base e os conteúdos não saírem tão diferentes, é dessa forma.” **“Acaba caindo num imprevisto?”** “_Isso mesmo, cai realmente num imprevisto.”

10ª) Que importância você atribui à disciplina de Arte no desenvolvimento dos alunos?

Resp. Eu acho assim na minha maneira de pensar que a arte para alguns, ela desperta mais o interesse, né, para essa criatividade do aluno, para ele expor naquele momento o que ele sabe realmente fazer, porque tem uns que chegam assim, “ah, professora isso não é dessa forma, assim vai ficar mais bonito, então são aqueles que realmente se interessam pela aula e já tem outros não, vêm a arte como um passa tempo, então eu posso fazer isso aí pra preencher uma vaga ali, uma nota no boletim e não tá nem aí e outros não, já se dedicam realmente.

11ª) Você enfrenta algum tipo de dificuldade na sua prática pedagógica? Se sim, quais?

Resp. Bem, a grande dificuldade realmente é a falta de material para você trabalhar e o aluno que vem de uma escola pública se você cobra o material deles para eles trazerem para a sala de aula, tipo assim, se você for fazer um trabalho

mãe não dinheiro e a escola, como a gente sabe, não tem aquele material pra suprir todas as necessidades de todos os alunos. Aí é muito difícil porque tem uns colegas que ajudam, mas tem outros que menosprezam a disciplina.

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Ligia Clarck

Series em que atua: 5ª a 8ª

Grau de formação: magistério

Tempo de atuação na educação: 5 anos

QUESTIONÁRIO

1ª) Para você o que é arte?

Resp. Arte pra mim é você colocar pra fora aquilo que você sente, né, é você jogar o seu eu, com seu sonhos e o profissional.

2ª) Há quanto tempo trabalha com a disciplina de Arte?

Resp. Dois anos

3ª) Você gosta de trabalhar com a disciplina de Arte?

Resp. Hoje gosto, mas no inicio eu achei meio complicado porque me colocaram Arte e eu falei assim, meu deus o que é que eu vou fazer? Eu não sei desenhar, eu não sei fazer trabalho manual, eu ate gosto, sempre gostei, já pintei, já bordei, já pintei pano de prato, já tentei pintar, sabe, já fiz muita coisa relacionada à arte, porque eu sou muito emotiva, eu acho que as pessoas emotiva procuram muito essa parte e arte é sensibilidade, sensibilidade do seu eu, você consegue colocar as negações, os pontos positivos, quando você ta bem, você coloca, quando você ta mal, você também coloca, você vai mostrar aquilo através do sentimento.

4ª) O que o (a) levou a trabalhar com a disciplina de Arte?

Resp. Primeiro me jogaram, hoje é a necessidade de trabalhar e hoje eu quero aprender com arte, eu tinha muita vontade de conhecer os grandes pensadores, conhecer os grandes artistas plásticos, ter um conhecimento mesmo, literário, né,

hoje por eu estar com a disciplina eu aprendi muito e procurando me interessar, quando os meninos pintam eu também começo a pintar, eu estou me envolvendo e pro futuro eu acho que eu vou começar a pintar.

5ª) Você já participou de cursos de formação na área? Quais?

Resp. Não. Os PCN's eu não fiz porque eu tinha que ver outras matérias, eu estava iniciando com História, então a gente termina dando prioridade. No início do ano eu participei um pouco, só que você vê que não é a realidade, pelo menos não é a minha realidade, como eu vejo, é aquela coisa que deixa muito a desejar. Então, eu não vou por eles, assim você pega alguma coisa ou outra que você consegue acrescentar ao seu trabalho.

6ª) Você acha que sua atuação em sala de aula melhorou após esses cursos?

Resp. É como eu falei. Acrescenta porque tudo que você aprende é válido. Só em você estar ali ouvindo e aprendendo alguma coisa nova, já é válido. Mas não é uma coisa que faça você brilhar no seu trabalho.

7ª) Você considera importante a formação continuada para o exercício de sua prática de sala de aula? Por quê?

Resp. Com certeza. Porque se você pára, você pára no tempo, por que cada dia tem coisas novas, diferentes.

8ª) Você percebe alguma desvalorização da disciplina de Arte em relação às outras áreas do conhecimento?

Resp. Com certeza, tem muito isso. Às vezes até os próprios colegas perguntam: que disciplina você trabalha? Você fala artes., então eles falam: ah, artes é fácil, artes é uma matéria boa de dar. Às vezes pensa dessa forma que arte é enrolação, porque nós temos colegas que fazem isso, chega na sala de aula e dá

aula prática, mas precisam ter a teórica também, pra eles saberem porque é arte. Muitas vezes o aluno fala, ah, professora, não quero fazer isso, mas arte hoje está no currículo e ela é uma matéria importante, porque tudo na vida hoje é arte, viver é uma arte.

9ª) Como você organiza suas aulas? Que estratégias utiliza?

Resp. Eu faço o planejamento para o mês todo, porque Arte tem que ter todo aquele processo, aquele tempo de organizar o que você vai trabalhar. Esses tempos eu estou trabalhando assim, por exemplo, no início do ano eu fiz um projeto para trabalhar poema. Então no projeto poema eu encaixei pra falar da natureza, porque ai foi interdisciplinar, porque eu também trabalho com Estudos Amazônicos, então eu levo um pouquinho desse conhecimento para os alunos. Então vêm as questões: "E a Amazônia? E as queimadas? Ilustre isso pra mim. Aí veio o projeto "água". A água hoje é uma das maiores prioridades mundiais. No dia da água eu fiz um trabalho com eles, pedi que eles fizessem uma redação e pra eles mostrarem o valor da água, através da arte. Isso de forma interdisciplinar, através de um trabalho, de um desenho, isso muitas vezes sem eles perceberem, porque eles são tão ruins de raciocínio que nem percebem que além deles estarem estudando a arte, estão estudando estudos amazônicos e a geografia. Então eu trabalho nesse sentido.

10ª) Que importância você atribui à disciplina de arte no desenvolvimento dos alunos?

Resp: Eu hoje vejo que a importância para o aluno é muito grande, psicológica, porque através do desenho a gente pode ver como aquele aluno esta se comportando, o que está sentindo... no início do ano eu fiz um trabalho com eles

colocavam toda a vida deles, então eu via de uma forma assim, aqueles que desenhavam árvores, sol, etc... aqueles que você vê com um desenho escuro, sem um colorido, sem uma coisa que você sinta alegria, você percebe que esse aluno tem problema. Quando alguns alunos dizem que não sabem desenhar, você sente que esses alunos têm problemas e não querem mostrar, e têm o direito de não mostrar. Muitos mostram a desigualdade desestabilização psicológica deles. Então dessa forma você consegue perceber a importância que é a arte. Você consegue vê um pouquinho daqueles alunos. Pra mim arte hoje é uma disciplina que se você souber trabalhar... “_Além disso que você ressaltou, você vê uma função social na arte? “_Com certeza. A função social que eu consigo perceber é que de uma certa forma você consegue a valorização de um trabalho, você consegue se encaixar em alguma coisa que você não consegue perceber e através daquele trabalho se realizar na parte financeira.

11ª) Você enfrenta algum tipo de dificuldade na sua prática pedagógica?

Resp. A dificuldade maior que eu sinto, primeiro é a falta de uma formação, porque eu acho que o professor precisa de uma formação para passar o trabalho. Segundo é a falta de material, porque você pede o material para o aluno e eles falam “ah, professora, mas eu não tenho. As vezes até tem, mas o interesse é tão pequeno, o estímulo dele é tão baixo que ele também não se interessa por aquilo e a falta até dos próprios colegas de valorizarem mais o trabalho com artes.

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Vênus

Séries em que atua: 5^a a 8^a e Ensino Médio

Grau de formação: ensino superior incompleto

Tempo de atuação na educação: 27 anos

QUESTIONÁRIO

1ª) Para você o que é arte?

Resp. Pra mim arte é tudo que eu faço, é o meu dia-a-dia, é o meu cotidiano. A arte ela está em tudo que você faz, onde você vai você vê arte, no supermercado você vê arte, se você vai na rua você vê arte, então a arte é o nosso dia-a-dia.

2ª) Há quanto tempo trabalha com a disciplina de Arte?

Resp. Tem uns dez anos.

3ª) Você gosta de trabalhar com a disciplina de Arte?

Resp. Gosto.

4ª) O que o (a) levou a trabalhar com a disciplina de Arte?

Resp. O que me levou a trabalhar foi a carga horária, de início eu achei que não tinha nada a ver comigo, então eu comecei assim a pesquisar e eu achava que pra dar aula de arte tinha que ser formado, mas a gente também com boa vontade consegue fazer algumas coisas.

5ª) Você já participou de cursos de formação na área? Quais?

Resp: Já. De oficinas e de minicursos.

6ª) Você acha que sua atuação em sala de aula melhorou após esses cursos?

Resp: Eu acho que todo curso que a gente faz é válido, ajuda a gente muito. A dificuldade que a gente tem em arte é a falta de material. Seria bom que cada aluno tivesse o seu material, um lugar próprio para a gente trabalhar arte, dentro da sala é muito difícil. Você pede para o aluno trazer, eles não trazem, não levam a sério a aula de arte. Eu acho difícil trabalhar arte, não pela disciplina, mas pelos alunos, pela cabeça que eles têm, eles pensam que arte é só pintar, cantar, não levam a sério.

7ª) Você considera importante a formação continuada para o exercício de sua prática de sala de aula? Por quê?

Resp. Eu considero. O professor tem que se aperfeiçoar. Hoje a maioria dos alunos tem acesso a computador e a gente não tem, às vezes eles trazem uma novidade que a gente não conhece. Sem querer você tem que se atualizar, porque senão fica pra trás.

8ª) Você percebe alguma desvalorização da disciplina de Arte em relação às outras áreas do conhecimento?

Resp. Eu percebo essa desvalorização quando um professor precisa de uma aula pra alguma coisa, aí fala assim, ah, pega a aula de arte, geralmente quando tem alguma ornamentação na escola, então vai pro professor de arte, eles acham que o professor de arte não faz nada, é um tipo "tapa-buraco", parece que agora está começando a mudar um pouquinho. Eles acham que português, matemática, são mais importantes e são todas importantes. A arte está inserida em todas as outras disciplinas. A matemática com as figuras geométricas tem arte, geografia com os mapas tem a arte, a história... então tudo tem a arte.

9ª) Como você organiza suas aulas? Que estratégias utiliza?

Resp. Primeiro a gente faz um planejamento global, depois a gente faz o nosso

nós estamos esperando uma apostila da secretaria e até hoje essa apostila não chegou), então às vezes a gente faz o planejamento e foge, a gente tem de se valer do que tem.

10ª) Que importância você atribui à disciplina de arte no desenvolvimento dos alunos?

Resp. Eu acho que a arte é essencial na vida das pessoas, a maneira de você andar, de você vestir, tudo isso tem a contribuição da arte.

11ª) Você enfrenta algum tipo de dificuldade na sua prática pedagógica?

Resp. É como eu já falei, principalmente a falta de material, porque se tivesse material e local adequados as aulas seriam mais agradáveis e até os alunos gostariam mais. Se é pra dançar, os alunos gostam, eles gostam de fazer teatro, mas infelizmente eu não tenho tempo pra acompanhá-los em casa, e aqui na escola não existe um espaço adequado pra eles ensaiarem, então fica difícil. Você tem que ser criativa, polivalente, mas não te dão condição.

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Guernica

Séries em que atua: 5ª a 8ª e EJA

Grau de formação: ensino superior incompleto(pedagogia)

Tempo de atuação na educação: dois anos

QUESTIONÁRIO

1ª) Para você o que é arte?

Resp. Eu penso assim que arte é o que a gente pode expressar as emoções, sentimentos não só assim desenhar... Mas sim tudo aquilo que a gente possa expressar o que a gente sente, desejos, sentimentos.

2ª) Há quanto tempo trabalha com a disciplina de Arte?

Resp. Dois anos.

3ª) Você gosta de trabalhar com a disciplina de Arte?

Resp. No começo não gostava não no primeiro ano eu sofri, mas agora eu adquirir uma experiência e aprendi a gostar mais.

4ª) O que o (a) levou a trabalhar com a disciplina de Arte?

Resp. Eu trabalhava com história e estudos amazônicos aí fui estudar na universidade e quando cheguei estava lotada com a disciplina de Arte.

5ª) Você já participou de cursos de formação na área? Quais?

Resp. Já. Só os cursos oferecidos aqui no município de Xinguara (oficinas) e a disciplina de Arte-Educação na universidade.

6ª) Você acha que sua atuação em sala de aula melhorou após esses cursos?

Resp. Melhorou, sem dúvida. Não digo cem por cento, porque tenho certeza de que ainda tem falhas, mas melhorou muito com relação às atividades e tive também uma outra visão do que é arte.

7ª) Você considera importante a formação continuada para o exercício de sua prática de sala de aula? Por quê?

Resp. Eu considero importante sim, pelo fato de que as pessoas não permanecem iguais o resto da vida, estão mudando constantemente, então a gente também precisa ir se adaptando, lendo e procurando inovar. Eu procuro ler coisas que me interessam com relação à arte, mas nem sempre o tempo dá.

8ª) Você percebe alguma desvalorização da disciplina de Arte em relação às outras áreas do conhecimento?

Resp. Que tem, eu tenho certeza que tem, mas na escola que eu trabalho eu nunca tive esse problema, a gente sempre procura fazer um trabalho conjunto.

E os alunos reagem da mesma forma?

Resp. Não os alunos não. Eles procuram sempre assim quando tem uma atividade ou uma prova de uma outra disciplina e de arte no mesmo dia, eles falam ah, vamos estudar pra prova tal, arte a gente faz qualquer coisa que passa.

9ª) Como você organiza suas aulas? Que estratégia utiliza?

Resp. Eles fazem um planejamento na secretaria com a seleção de conteúdos e no primeiro bimestre a gente procurou trabalhar os conteúdos, sempre adaptando, porque as apostilas feitas pela secretaria não chegaram, então a gente vai adaptando. “_De vez em quando tem que improvisar um pouco?”

Resp. Com certeza. Porque o material que a gente tem é pouco, cada professor tem um, e o que eles iam oferecer com os conteúdos selecionados pela secretaria

10ª) Que importância você atribui à disciplina de arte no desenvolvimento dos alunos?

Resp. Eu considero a disciplina muito importante, porque eu sinto assim quando a gente está num teatro, por exemplo, lá eles se desinibem, se soltam mais, e quando eles vão apresentar um trabalho na frente eles estão mais acostumados. Também no geral, eles podem estar escrevendo, estar expressando o que eles pensam, porque eles têm muito medo de expressar o que eles pensam. Tudo que eles pensam, acham que é besteira. Eu acho que é importante a arte pra eles descobrirem que as coisas não são assim tudo certinho, porque eles acham que um desenho, por exemplo de uma cadeira, pra ser correto tem que ter todas as partes, senão não é uma cadeira.

11ª) Você enfrenta algum tipo de dificuldade na sua prática pedagógica?

Resp. É como eu tinha falado antes, é o material, quase não tem, a gente tem que estar procurando. O material teórico a gente tem que estar buscando, porque não foi fornecido completo. Material para atividades praticas, a gente marca um dia pra trazer, os alunos não trazem, então dificulta o trabalho. “**_A questão do espaço da escola, você sente alguma dificuldade para desenvolver as atividades?**

Resp. Até agora as atividades que a gente desenvolveu, não foram prejudicadas pelo espaço. Às vezes foram prejudicadas pela proximidade das outras salas, porque a gente esta desenvolvendo uma determinada atividade que chama a atenção da outra turma, então os alunos ficam agitados e os professores acham ruim, mas o espaço das salas não tem atrapalhado o andamento das atividades não.

REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES EM SALA DE AULA**PROFESSORA “MONALISA” _ 1º DIA _ TURMA “2ª etapa”**

A professora iniciou a aula com uma leitura compartilhada intitulada de “Biografia de Monteiro Lobato”, feita por ela mesma. Após a leitura a professora perguntou aos alunos: “_ Vocês perceberam porque eu fiz essa leitura? Alguém sabe o que é comemorado hoje?”.

Alguém respondeu:

“_ O dia do livro, professoral”.

“_ Pois é – respondeu a professora – hoje é comemorado o dia do livro e, por isso nós fizemos a leitura da biografia de Monteiro Lobato, porque ele foi um dos maiores escritores de nosso país.”

A professora continuou falando da importância do escritor para a literatura brasileira. Em seguida entregou uma folha de papel sulfite com um desenho mimeografado para os alunos e falou:

“_ Vocês vão pintar o desenho que está.”

O desenho trazia uma imagem retirada de livros paradidáticos, especializados em produzir desenhos estereotipados, e tinha a seguinte frase em destaque “18 de abril. Dia do Livro. “ Os alunos presentes (12 no total), realizavam a atividade passivamente. Enquanto os alunos coloriam o desenho, a professora via uma atividade no caderno dos alunos, passada na aula anterior. A atividade era uma autobiografia dos alunos. Em certo momento da atividade, uma aluna perguntou:

“_ Professora, o que é isso? – se referindo a um detalhe do desenho. A professora respondeu:

“_ É uma montanha.”

“ _ Eu já ia pintar de azul, achei que era o céu.”

Em seguida a professora falou:

“ _ Na próxima aula tragam cola, tesoura, E.V.A. e estilete, para nós confeccionarmos a lembrancinha do dia das mães.”

Em certo momento da atividade um aluno falou:

“ _ Vai ser a capa da prova, professora? No primário tem a capa da prova.”

2º DIA _ TURMA “8ª série”

O segundo dia de observação com a professora “A”, foi realizado em duas turmas: uma de 8ª e outra de 6ª série, ambas do turno noturno, já observadas em dia anterior. Ambas as turmas pertenciam ao ensino fundamental noturno de uma escola do centro da cidade. A turma de 8ª série era composta de alunos, de faixa etária entre 16 e 18 anos e será identificada na pesquisa como turma “B”. A professora iniciou a aula perguntando aos alunos: “_Quem sabe me dizer o que é comemorado no dia de hoje?” Uma aluna respondeu: “_Eu sei, professora, hoje é o dia do índio!” A professora então continuou: “_Quem sabe falar alguma coisa sobre os índios?” Um aluno respondeu em tom irônico: “_ O que eu sei é que eles são fedidos demais.” A professora tentou argumentar, perguntando, aparentemente irritada: “_Como você sabe disso?” “_Porque eu sei _ respondeu.” A professora tentou estabelecer uma discussão com a turma acerca da questão do índio, mas não obteve sucesso, pois a turma, além de pequena (apenas 13 alunos presentes) se mostrava bastante desinteressada da aula. Na seqüência a professora entregou um desenho mimeografado aos alunos, contendo uma figura no formato de um ovo. A atividade era denominada de “ovo mágico”. Pediu aos alunos que pintassem e recortassem as partes do desenho para em seguida

Ao observar a montagem de um aluno que não seguiu o roteiro da montagem, a professora chamou o aluno e mostrou o livro que tinha a figura para que observasse a forma correta. O livro era bastante antigo e trazia as figuras de alguns pássaros construídos a partir da figura do ovo. Durante a atividade a professora fazia demonstrações de como recortar e montar as figuras. Expôs o livro em uma das carteiras para que os alunos pudessem seguir o roteiro da montagem. Um aluno perguntou: “_ Professora pode fazer igual ao do livro?” Ela respondeu: “_ Vocês podem escolher entre as quatro sugestões do livro.” Enquanto faziam a atividade um dos alunos falou baixo: “_ Isso aqui é ruim. Dá uma preguiça.” As meninas se mostravam mais interessadas durante a atividade que os meninos, que saíam da sala com frequência. Como a maioria terminou a tarefa antes da aula terminar, a professora disse aos alunos que continuassem montando outras figuras do livro.

2º DIA _ TURMA “2ª etapa”

A professora iniciou a aula na turma dizendo aos alunos: “_ Hoje, na nossa aula nós vamos fazer uma atividade de montagem de um quebra-cabeças em forma de texto. Enquanto falava entregava aos alunos pequenas tiras de papel com frases soltas para montagem de um texto. Essas tiras de papel que vocês estão recebendo, vocês vão montar uma história de uma bruxa. Eu vou escrever as pistas no quadro pra que vocês possam montar. A aula foi interrompida para que alguns avisos fossem dados pela direção da escola. Em seguida os alunos começaram a fazer a atividade, mas tinham bastante dificuldade de montar, por não entender o comando da mesma. A professora tentava ajudá-los lendo as pistas e fazendo perguntas do tipo: “ Quem vocês acham que tem o nariz

afilado?”. A aula terminou antes que os alunos concluíssem a atividade, devido à aula ser apenas de 40 minutos.

3º DIA _TURMA “ 2ª etapa”

O terceiro dia de observação com a professora “A”, foi realizado na turma de 6ª série, do turno noturno, denominada de turma “A”. A professora iniciou a aula saudando os alunos com um boa-noite e em seguida falou aos mesmos:

“ _ Olha a nossa atividade de hoje é uma colagem. O nome dessa atividade é ovo mágico. Vocês vão recortar esse desenho e com as partes recortadas vão formar outras figuras iguais a essas do livro. Enquanto falava entregava uma folha de papel sulfite com o desenho mimeografado para os alunos. A atividade era a mesma desenvolvida em uma turma de 8ª série já observada por mim em aula anterior. Depois de entregar as folhas os alunos começaram a recortar e pintar as partes recortadas. A atividade não permitia outros desdobramentos, ficando bastante evidente a preocupação tanto da professora quanto dos alunos com o modelo pronto. Pode-se observar isso quando a professora entregou o livro a um grupo para que os alunos pudessem copiar o modelo e na fala de uma aluna ao observar o trabalho de um colega: “ _ Não tá parecido não, menina!”

Ou ainda na fala da professora ao se dirigir a um aluno:

“ _ Olha o modelo que está aqui no livro!” _ disse, indicando que o mesmo deveria segui-lo.

Durante a atividade pôde-se perceber que os alunos tinham dificuldade em reproduzir as figuras, uma vez que havia um único livro e três grupos trabalhando. Dos dezessete alunos presentes, apenas dois não realizavam a atividade, um que

Embora realizassem a atividade não se percebia nenhum estímulo por parte dos mesmos.

PROFESSORA "TARCILA DO AMARAL" _ TURMA "6ª SÉRIE"

A professora aqui denominada de "Tarcila do Amaral" atua numa escola municipal de ensino fundamental localizada no centro da cidade, a qual será denominada de "Escola Monteiro Lobato". A referida professora trabalha com cinco turmas, sendo quatro de 5ª a 8ª séries e uma de alfabetização, sendo a única na escola a atuar no ensino de Arte.

1º DIA _TURMA "6ª SÉRIE"

O primeiro dia de observação com a professora "Tarcila do Amaral" se deu numa turma de 6ª série, do turno matutino, composta de trinta e cinco alunos na maioria adolescentes e pré-adolescentes, de faixa etária entre 11 e 16 anos. A referida turma será identificada na pesquisa como turma "C".

Ao entrar na sala a professora pediu que eu me apresentasse. Saudei os alunos e em seguida expliquei as razões da minha presença na sala. Após a apresentação a professora iniciou a aula pedindo aos alunos: "Olha, eu quero que vocês formem grupos para produzirem uma peça de teatro. Vocês vão escolher um tema e escrever a peça pra gente apresentar no dia das mães. Enquanto falava, alguns alunos perguntavam: "_Professora, pode ser o que a gente quiser? A professora respondeu afirmativamente, dando algumas sugestões como: "_ Vocês podem falar sobre as drogas, sobre a violência..." Os alunos se mostravam bastante

conversando com os grupos . Durante o comando da atividade a professora não fez nenhum questionamento acerca dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o teatro, nem tampouco trabalhou conteúdos do teatro. Como era o meu primeiro dia de observação, pensei que pudesse ter sido trabalhado em aula anterior, então perguntei a alguns alunos se a professora havia trabalhado algum conteúdo relativo ao teatro em aula anterior. Os alunos responderam negativamente. Pedi então o caderno de um aluno que disse ter o conteúdo todo da disciplina, mas não havia nenhum conteúdo relativo à linguagem teatral.

Após a formação dos grupos, a professora procurava acompanhá-los tirando dúvidas com relação ao trabalho em si, mas não com relação aos elementos da linguagem do teatro. Em certo momento da aula a professora mostrou-me um texto que um dos grupos estava escrevendo. Aparentemente ela havia gostado, embora não fizesse nenhuma intervenção no sentido de melhorá-lo. Num trecho do texto, por exemplo, os alunos haviam escrito:

“ _ Sua mãe sofre de uma doença muito grave.”

“ _ Que doença é essa doutor? ”

“ _ Ela sofre de ‘overdose’. ”

“ _ E essa doença tem cura, doutor? ”

Apesar do texto trazer informações equivocadas, não fez nenhuma intervenção no sentido de ajudá-los. A aula terminou sem que os alunos concluíssem o texto que teria continuidade na aula seguinte.

2º DIA _TURMA “8ª SÉRIE”

O quarto dia de observação com a professora "Tarcila do Amaral" se deu numa turma de do turno matutino, composta de aproximadamente 30 alunos, de faixa etária entre 12 e 16 anos. A turma mencionada será identificada como turma "D".

A professora iniciou a aula falando aos alunos a atividade que seria desenvolvida. "_ Olha pessoal, a nossa atividade de hoje é uma história em quadrinhos." Enquanto falava a professora entregava aos alunos uma folha de papel sulfite para que os alunos desenhasssem a história em quadrinhos. Vocês vão fazer na aula de hoje os desenhos e na aula seguinte vocês vão fazer história. Alguns alunos reclamavam que não sabiam desenhar. A professora respondia, tentando encorajá-los: "Você?! Não sabe desenhar, já vi você fazendo desenhos maravilhosos. Vamos, pessoal, vamos fazer a atividade. Olha a pesquisadora vai escolher a melhor história em quadrinhos da sala. Então vamos caprichar."

Perguntei à professora se ela havia trabalhado algum conteúdo relativo à história em quadrinhos. Ela respondeu que não. "Eles já fizeram no ano passado" _disse. A aula teve duração de 45 minutos e a atividade ficou para ser continuada na aula seguinte.

3º DIA _TURMA "6ª SÉRIE"

O terceiro dia de observação com a professora "Tarcila do Amaral" foi realizado na mesma sala do primeiro dia (turma "C"). A professora iniciou a aula falando: "_ Vocês vão continuar nos grupos pra terminar o texto. Os grupos que já terminaram vão ensaiar a peça." Os grupos participavam ativamente da atividade, dividindo as falas e fazendo a leitura do texto. Enquanto ensaiavam dois grupos se mostravam mais interessados e mais desinibidos. Esses grupos eram compostos por alunos

apáticos. Liam o texto mecanicamente. Alguns alunos durante o ensaio faziam graça, não levavam a sério as falas. A professora pouco intervia no sentido de ajudá-los, a não ser chamando a atenção dos mesmos, dizendo: "Vocês têm que levar a sério, senão vai sair feio e vocês vão apresentar no dia da festa! Vocês querem que sai feio?" Os temas abordados pelos grupos eram: "o uso de drogas", "violência", ".....Durante o ensaio não foi observada nenhuma preocupação com elementos do teatro como: cenário, figurinos, entre outros, nem por parte dos alunos, nem pela professora. A aula teve duração de 90 minutos.

4º DIA _ TURMA "7ª SÉRIE "

O quarto dia de observação com a professora "B" foi numa turma de do turno matutino, aqui identificada como "E". A turma era composta de 25 alunos de faixa etária entre 13 e 18 anos, tendo apenas uma aluna com mais de 18 anos. A aula iniciou com a professora entregando as provas aos alunos do bimestre anterior. Em seguida entregou uma folha de papel em branco aos alunos explicando: "Pessoal, essa folha é pra vocês dobrarem e fazerem o cartão do dia das mães. Pode fazer em forma de coração, redondo, do jeito que vocês quiserem." Enquanto entregava a folha a professora perguntou aos alunos se haviam trazido lápis de cor. Só um aluno havia trazido. Durante a aula os alunos tentavam confeccionar a lembrancinha, mas não havia régua, e tesoura só havia uma.

Um dos alunos argumentou que não sabia fazer. A professora respondeu: " _Você não sabe fazer!? Sabe!" Não deu nenhuma explicação ao aluno no sentido de ajudá-lo. Em seguida continuou falando: " _ Na próxima aula vocês tragam cola colorida pra gente terminar a lembrancinha."

A professora continuou entregando as provas, agora de outra disciplina, religião. Ao terminar de entregar as provas, a professora passou pelas carteiras dos alunos olhando os trabalhos. Ao observar uma aluna escrevendo alguma coisa na folha, disse: “_ deixa pra escrever depois.” Voltou atrás e falou: “_ Pode fazer do jeito que quiser.”

Durante a atividade os alunos se mostravam apáticos e desinteressados pelo trabalho. A aula teve duração de 45 minutos. A lembrancinha ficou para ser concluída na aula seguinte.

PROFESSORA “LIGIA CLARCK” _ “8ª SÉRIE”

A professora aqui identificada como “C” atua numa escola da rede pública municipal, aqui intitulada de “Escola Cecília Meireles”, em turmas de 5ª a 8ª séries e EJA. Para a realização da pesquisa selecionei apenas a turma de 8ª série do ensino noturno, composta de 30 alunos.

1º DIA _ TURMA “8ª SÉRIE”

O primeiro dia de observação com a professora “C” coincidiu de ser o primeiro dia de aula da mesma nessa turma, uma vez que os alunos haviam iniciado o ano letivo com outra professora. A professora iniciou a aula fazendo uma leitura reflexiva e explicando aos alunos que o trabalho com a disciplina de Arte que ela pretendia desenvolver se daria em torno da biografia de artistas e pensadores, mostrando os grandes artistas. Dirigindo-se a mim falou: “_ Olha, pra mim arte é cultura. Eu não costumo trabalhar com meus alunos fazendo ‘trabalhinhos’ como

mim é inaceitável um aluno chegar a 8ª série sem saber quem foi Leonardo da Vinci.”

Continuou dizendo:

“_ Olha, eu gosto de trabalhar de forma interdisciplinar. Interdisciplinar quer dizer todas as disciplinas juntas.” Continuou dizendo: “eu gosto de trabalhar de forma interdisciplinar porque os alunos têm muitas dificuldades, por exemplo, dificuldade de leitura, por isso em minhas aulas procuro incluir o trabalho com poemas, biografias, autobiografias.

Após a explicação sobre como se dariam as aulas, a professora iniciou a escrita de uma atividade na lousa a qual intitulou de “projeto música “. Sem dar esclarecimentos de como seria desenvolvida a atividade, começou a escrever a letra da música “Aquarela”, de Toquinho, se limitando apenas a uma parte da música. Em seguida pediu aos alunos que cantassem a música acompanhando-a. Os alunos se mostravam passivos e desinteressados. Sorriam sem graça e diziam não saber da música. A professora insistia ao que os alunos respondiam cantando timidamente. A professora então falou:

“_ Aposto que se fosse ‘hoje é festa lá no meu apê’, estava todo mundo cantando”_disse, referindo-se a um hit do momento.

Quando começou a cantar essa música todos cantaram animadamente. A professora continuou insistindo para que os alunos cantassem a música “aquarela”, sem muito sucesso.

Em nenhum momento a professora levantou os conhecimentos dos alunos acerca do autor da música.

A atividade teve prosseguimento com o seguinte comando:

“Ilustre esta música e pinte.”

Durante a aula os alunos reclamavam da atividade, dizendo: “_Ah, não professora tem que ficar escrevendo em aula de Arte?!”

A aula teve duração de 70 minutos e terminou sem que os alunos concluíssem a atividade, ficando como dever de casa.

2º DIA _ TURMA “8ª SÉRIE”

O segundo dia de observação com a professora “C” foi realizado na mesma turma. Ao iniciar a aula a professora entregou uma folha de papel em branco para cada aluno. Em seguida mostrou aos mesmos um desenho feito com carvão em encima folha de papel sulfite, explicando que os mesmos teriam que fazer uma reprodução na folha em branco. Acrescentou que poderiam fazer diferente. Ao explicar a atividade um aluno falou que não ia fazer.

Durante o “comando” da atividade somente seis (6) alunos estavam na sala assistindo à aula. Os poucos que assistiram demonstravam pouco interesse. Na segunda aula a professora abordou a história da Arte, escrevendo na lousa um texto sobre o movimento abstracionista. Iniciou a escrita do texto sem fazer nenhuma discussão com os alunos sobre os conhecimentos dos mesmos sobre o assunto. Apenas iniciou a escrita do texto na lousa sem fazer nenhum comentário sobre o assunto.

Comentário de um aluno: “Não tinha um nome mais esquisito pra escrever?”.

Na 4ª aula um aluno foi embora, ao que a professora comentou: “_Minha resposta vai ser na prova.”

Apesar do desenho, apresentado para os alunos no início da aula apresentar traços abstracionistas a professora não estabeleceu nenhuma relação com o conteúdo escrito na lousa. desenho feito em carvão embora se parecesse muito

ampliando o conhecimento dos alunos sobre o universo da arte. Acredita-se ainda que o conteúdo escrito, na lousa, abordando o abstracionismo deveria ter se ampliado para leitura de imagens, utilizando-se as inúmeras possibilidades de se abordar a arte abstrata. Tal leitura poderia partir dos próprios trabalhos dos alunos e se ampliar as obras dos artistas que se destacaram nesse estilo, comparando-se, abordando-se aspectos como semelhanças e diferenças, características das obras abstratas. Penso mais, que a atividade poderia ter sido iniciado com a observação de obras abstratas para que os alunos pudessem fazer um levantamento das características das obras. A histórias da arte da forma como foi abordada não fazia nenhuma relação com as obras.

PROFESSORA "LIGIA CLARCK" _ "8ª SÉRIE"

Ao iniciar a aula a professora explicou aos alunos que eles iriam confeccionar bandeirinhas a festa junina. Em seguida entregou aos alunos algumas revistas velhas para que os mesmos recortassem e confeccionassem as bandeiras. A turma, como das outras vezes, tinha apenas quatro alunos na sala, o restante estava fora da sala, vez por outra, um ou outro entrava na sala e fazia perguntas do tipo:

_ " Professora, o que é isso aí?" "Que vocês estão fazendo?"

(referindo-se à atividade que os alunos estavam realizando).

Após dar o comando da atividade, a professora comentou, tentando fazer um desenho: " Nessa sala não tem nenhum aluno que saiba desenhar!" Continuou; "Vambora, Robson, você sabe desenhar?" _ " Vamos tentar, a criatividade, é de vocês".

Em seguida explicou aos alunos como se daria a avaliação: “ Olha a nota da prova vai ser só dos trabalhos realizados em sala de aula, a nota atribuída à ornamentação da festa junina e quem dançar quadrilha vai ganhar três (3) pontos. Uma aluna respondeu: “ _ Professora, eu não vou poder dançar porque eu vou viajar.” A professora não respondeu. A aula continuou, com os alunos fazendo colagem das bandeirinhas. Ao passar por uma carteira de uma aluna a professora observou as bandeiras confeccionadas por uma aluna e perguntou:” Quem foi o artista que fez isso aqui? Foi você, ”x“. Nossa, “x” tem dó. Eu não consigo entender o que você fez , eu ti ensinei”

Após o recreio apenas quatro alunos continuaram na sala, fazendo e atividade. Apesar do conteúdo ser interessante a atividade ficou a cargo dos alunos, uma vez que não havia recursos na escola ou a professora não soube utilizar. Entre os artistas escolhidos, estavam: Leonardo da Vince, Tarcilia de Amaral, Van Gogh, Picasso, Vicente do Rego, Kandisky, Rodin, Rembrandt, entre outros. As obras deveriam ser reproduzidas em forma de cartaz. A professora explicou que eles deveriam falar “alguma coisa”, sobre os artistas ou as obras.

Durante as explicação e a entrega dos materiais, uma aluna olhou uma obra e a professora disse o que significava: “ É um rosto”!. Atividade poderia ter sido desenvolvida com os alunos (já que eram poucos) na própria sala, com a leitura das imagens, bem como a contextualização das mesmas pelos alunos, a qual poderia ter incluído questionamentos acerca de algumas obras, como forma de potencializar as interpretações dos alunos. Tal atividade poderia ter sido iniciado levantando-se os conhecimentos prévios dos alunos acerca das mesmas e em seguida feita a leitura comparativa de imagens de diferentes artistas abordando o mesmo tema, mas utilizando-se de estilos diferentes, como por exemplo.

1º DIA – PROFESSORA “ANITA Malfati” _”8ª SÉRIE”

O primeiro dia de observação com a professora “Anita Malfati” se deu numa turma de 8ª série. Durante os primeiros minutos da aula a professora tentava articular os alunos para apresentarem os trabalhos, passados em uma aula anterior. Os alunos mostraram-se dispersos e os grupos, na grande maioria, mostravam-se despreparados ou desinteressados para apresentação.

Ao entrar na sala a professora citou que aquela era turma pior das 8º séries.

Passada uma hora, as apresentações não haviam iniciado, pois o som não havia funcionado. Depois de um longo tempo, as apresentações iniciaram com um grupo de coreografia de uma música evangélica. Em seguida, um outro grupo apresentou uma peça de teatro, cujo tema era um “telejornal humorístico”.

Durante a apresentação do 2º grupo os alunos mostraram-se bastante atentos às falas e participativos. Ao término da apresentação uma das integrantes do grupo disse: _Nós nem ensaiamos, mostrando o desinteresse dos alunos pela disciplina, embora o grupo tenha demonstrado bastante habilidade para improvisação. O 3º grupo apresentou música. Durante a apresentação os alunos se empolgaram e começaram a participar, mas a professora pediu silêncio. A aluna cantava músicas de um ritmo da região (tecno-brega) e (calipso)). A participação ativa dos alunos mostrou bem a importância de se trabalhar com os alunos elementos da cultura local, como forma de valorizar essa cultura. Percebe-se que os alunos ficam mais envolvidos nesse tipo de atividade. A aula teve continuidade com a apresentação do restante dos grupos. Ao término não foi feito nenhum comentário sobre os trabalhos apresentados.

PROFESSORA “ANITA Malfati” _”6ª SÉRIE”

A apresentação dos trabalhos iniciou com a apresentação de uma peça teatral com o mesmo tema apresentado por outra turma. O grupo era composto por nove alunos. Embora o tema fosse pertinente, visto que o problema das drogas constitui-se em um dos problemas da sociedade na atualidade, observou-se que esse tema foi trabalhado em quase todas as turmas. Observou-se ainda que as atividades eram desenvolvidas quase que exclusivamente pelos alunos e de maneira improvisada. Em nenhum momento foram trabalhados com os alunos os conteúdos relativos à própria linguagem do teatro.

Entende-se serem esses conteúdos de fundamental importância para o entendimento, por parte dos alunos, dos elementos que constitui as linguagens artísticas, portanto, o universo cultural acumulado pela humanidade ao longo da história.

Ressalta-se com relação aos trabalhos a preocupação com o respeito à pluralidade cultural dos alunos, como por exemplo coreografias de músicas evangélicas, hip hop, entre outros ritmos da região. A crítica que se faz aos trabalhos apresentados, reside na falta de direcionamento por parte do professor deixando as atividades soltas, assim como também à limitação do repertório cultural dos alunos, pois entende-se que as atividades artísticas deverão partir da cultura do aluno, mas deve ser desenvolvido, de forma a ampliar o universo cultural dos mesmos. Outra crítica que se faz refere-se a ênfase no fazer artístico, subsumindo-se a reflexão e a contextualização desse fazer.

PROFESSORA "ANITA MALFATI" _ "8ª SÉRIE"

O terceiro dia de observação com a professora "Anita malfati" se deu numa turma de 8ª série. A aula iniciou com a professora dirigindo-se aos alunos dizendo que

continha detalhes das obras do pintor, como por exemplo, a descrição das imagens retratadas na pintura da capela sistina. Durante a escrita observou-se a escassez de material didático, deixando os professores à mercê da improvisação. Observou-se ainda alguns alunos reclamando de ter copiar que copiar o texto e falavam: “_ A professora já está terminando ?” O conteúdo teve continuidade com a biografia de Giotto, que seguia o mesmo roteiro da biografia anterior. Terminada a parte escrita a professora circulava pela sala, em conversa com um aluno, o mesmo disse que tinha no livro um quadro chamado “A persistência da memória’, de Salvador Dali. Aproveitei para comentar com a professora que eu tinha a reprodução do referido quadro em tamanho maior, ao que a professora comentou: “-Aqui também tem essas revistas, mas ficam trancadas”. Explicou que no início do ano havia selecionado alguns conteúdos do livro de historia para trabalhar com os alunos, já que os mesmos possuíam o livro, mas que não haviam permitido que ela trabalhasse.

PROFESSORA “ANITA MALFATI”_”8ª SÉRIE”

A aula iniciou com a professora pedindo aos alunos nos que produzissem um desenho livre, após o desenho continuaria o conteúdo da aula anterior. Durante a atividade alguns alunos reclamavam que não sabiam desenhar (não foi observada nenhuma intervenção nesse sentido). Apesar do comentário desses alunos a grande maioria participava e produzia os desenhos, aparentemente uma atividade agradável para os alunos. No decorrer da atividade a professora procurava estimular os alunos a produzirem os desenhos e mostrava-se preocupada com o andamento a atividade, acompanhando os alunos nas suas

desenhar personagens de desenho animados com Goku, ao que, a professora retrucou que não, mostrando uma incoerência com a proposta, já que o desenho era livre, no entanto não foi autoritária com a negativa. Vale ressaltar que a referida professora mantinham um ótimo relacionamento com os alunos, o que sem dúvida cria um clima propício à aprendizagem.

Pode-se, no entanto, observar que alguns alunos foram totalmente originais como, por exemplo, o trabalho de uma aluna que desenhou um nascer do sol, com logotipo de uma emissora de televisão ao centro do sol, mostrando uma criatividade não observada no restante dos trabalhos.

Após a produção dos desenhos, a professora continuou a aula com o conteúdo anterior “arte moderna” escrevendo na lousa o restante do texto iniciado em outra aula anterior.

PROFESSORA “S” (16/05/05)

Ao iniciar a aula a professora explicou aos alunos que iriam trabalhar com mosaicos. Em seguida fez demonstração na lousa de como os alunos deveriam construir o mosaico com utilização de uma régua formando pequenos quadrados, alguns alunos disseram que não sabiam fazer, ao que a professora respondeu que fossem tentando fazer que depois acompanharia os nas suas respectivas carteiras para ver que estava construindo corretamente. Explicou ainda cada um criaria seu próprio desenho no mosaico, permitindo assim ao aluno usar sua criatividade. Apesar disso em nenhum momento foi questionado aos alunos acerca de seus conhecimentos sobre o conteúdo em questão.

Uma outra questão a ser analisada é o fato da professora “S” ... não procurar levantar os conhecimentos dos alunos acerca de seu conhecimento dos alunos acerca de seus conhecimentos artísticos sobre o conteúdo em pauta, o que

Arte, sempre partindo do contexto cultural dos alunos para desenvolver as atividades.

Não se observou também nenhuma relação com a história da Arte, ou seja, dos mosaicos, prevalecendo mais uma vez o fazer artístico isolado na sala de aula.

Sobre a participação dos alunos, a grande maioria realizava as atividades com certo interesse, ficando apenas alguns alunos que não participaram, aparentemente por não entenderem como fazer, ao que a professora acompanhava os individualmente em suas carteiras, procurando ajudá-los.

Sobre a atividade em questão, penso que seria mais produtiva se ao invés de se trabalhar apenas a técnica pelo técnica, tivesse sido (abordado) junto aos alunos imagens diversificadas de mosaicos nas diversas culturas, como forma de “alimentá-los” nas suas produções. Sobre isso os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam que o desenvolvimento artístico dos alunos se dá através de um percurso cultivado em Artes, ou seja, o aluno necessita ser constantemente confrontado com o universo artístico acumulado para humanidade, para que possa fazer suas próprias escolhas. Nesse sentido, o papel do professor é o de Instigador, pontencializador, criador de situações que propiciem ao aluno o contato com o mundo da arte.

Sobre isso os PCN enfatizam que o professor deve criar situações que permitam ao aluno experimentar materiais, ver, interpretar, analisar, obras de arte produzidas pelos próprios alunos, pelos artistas locais, regionais e internacionais, promovendo o crescimento artístico dos mesmos. Ao fazerem, verem, analisarem obras de diferentes meios culturais, os alunos estarão desenvolvendo habilidades de julgar, perceber, sentir, opinar, etc, habilidades essas indispensáveis para a formação de um cidadão crítico e participativo.

PROFESSORA "ANITA MALFATI" _ "6ª SÉRIE"

A aula foi iniciada com a professora dizendo o conteúdo que iriam trabalhar, no caso, o mosaico. Em seguida iniciou a escrita de um texto sobre a origem dos mosaicos, bem como as características e a técnica utilizada na confecção ou a criação dos mesmos.

Diferentemente da outra turma, na qual também havia trabalhando o conteúdo, aqui a professora iniciou com a história da arte, para depois trabalhar o fazer artístico, ponto de partida da aula da referida turma. Apesar do texto abordado sobre a história da arte, não houve nenhuma discussão ou questionamento acerca dos conhecimentos dos alunos sobre o conteúdo dado. Além disso, também não foi discutido com os alunos sobre trabalhos de artistas locais que pudessem ter algum trabalho nessa linha, na região.

Após a escrita do pequeno texto, a professora iniciou a demonstração na lousa de como iniciar o trabalho com o mosaico. No caso, o mosaico não seguia as características dos mosaicos citados no texto escrito na lousa. Segundo a técnica, os alunos deveriam fazer uma trama no papel com o auxílio de um régua formando pequenos quadrados, como uma tela. Em seguida, deveriam elaborar as formas dentro da trama. Vale ressaltar que cada um deveria fazer o desenho.

Apesar da atividade ter sua importância penso que poderia ter sido potencializada, se os alunos pudessem ter experimentado outros materiais na confecção dos mosaicos, permitindo aos mesmos outras elaborações, tais como sementes, papel recortado, entre outros. Durante a atividade pude perceber, a dificuldade dos alunos em trabalhar com o uso de medidas, o que poderia ter sido aproveitado para desenvolver um trabalho conjunto com a disciplina de matemática

PROFESSORA “ANITA MALFATI” _”8ª SÉRIE”

A aula iniciou com a professora vistoriando o caderno dos alunos. Pediu aos mesmos que mantivessem os cadernos abertos para que ela pudesse vistoriá-los. Durante o tempo em que realizava essa tarefa, os alunos permaneciam em suas carteiras, a maioria conversando com os colegas, sem nenhuma atividade. O visto no caderno era dado após a verificação da realização da atividade e, aparentemente, fazia parte da avaliação do conteúdo. Após vistoriar os cadernos, falou aos alunos: “Olha, vocês terão o restante da aula para fazer o restante das atividades que vocês não fizeram. As avaliações iniciam dia nove (9) e tem gente que não tem visto, e vejam bem que não tem mais aula daqui até lá.” Enquanto alguns alunos tentavam fazer atividades atrasadas, outros apenas conversavam. Enquanto faziam a professora falou: “Vocês devem estar estranhando eu não ter trazidos as régua hoje, pois é, é que da vez passada muitos alunos não devolveram, portanto agora vocês terão que trazer.” Ao observar a atividade que a aluna fazia, percebi que era a mesma atividade realizada na sala a uns 15 dias atrás. Os alunos faziam a atividade com o único objetivo de conquistar o visto (no caso com o valor parcial da nota).

O desinteresse dos alunos pelas atividades de arte nessa turma, pode ser presenciado em aulas anteriores e em outras turmas, observando se em alguns casos o apelo à nota para que os alunos realizassem as atividades. Quando tocou o sino uma aluna correu para entregar o trabalho à professora. Ela apenas fez questão de que ela colocasse na mesa, não dando nenhuma devolutiva à aluna. Uma outra aluna quis entregar o trabalho, a professora respondeu: “Não adianta,

fez, eu não recebo mais, mesmo assim, se dirigiu à mesa e recebeu alguns trabalhos. Deu continuidade à aula escrevendo na lousa um texto iniciado em aula anterior o qual retratava a biografia de Michelangelo, conteúdo trabalhado em outra turma de outro ciclo. (*)

Ao observar os trabalhos entregues à professora pude observar que os alunos, praticamente todos, fizeram a mesma coisa, ou seja um desenho construído dentro de uma trama de pequenos quadrados, que a professora chamava de "mosaico". O desenho de praticamente todos os alunos tinha forma de uma ave e alguns um tabuleiro, no formato de um jogo de damas. Alguns alunos reproduziam dos colegas até repetindo as cores. Não se observou em nenhum momento das aulas relativas ao conteúdo de mosaico nessa turma, a utilização de outros materiais e outras possibilidades de criação, uma vez que não foi utilizada nenhuma imagem ou de texto que mostrasse o trabalho com mosaico. Procurei verificar com os alunos se havia sido trabalhado em aula anterior algum texto sobre mosaico, já que eu havia faltado na aula anterior por motivo de saúde, mas tive resposta negativa.

Durante o tempo que escrevia na lousa um aluno perguntou: "professora, a senhora tá dando aula de quê? A professora respondeu: "Não sei, "X"! Em seguida dirigiu-se ao aluno, e este falou: "Não é, porque a senhora está escrevendo um monte de coisas aí." A professora explicou: "É por causa das obras, dos artistas, que tem que escrever o texto." Após dar a explicação ao aluno retornou ao quadro e continuou escrevendo, desta vez, a biografia de Tarsila de Amaral. Não foi feito nenhum comentário ou discussão acerca do conteúdo escrito.

Apesar de não haver nenhuma discussão sobre o assunto os alunos preocupavam-se em copiar os textos , provavelmente preocupados com a nota, já que toda as atividades valiam visto.

Professora "Vênus" _ "6ª SÉRIE"

A professora iniciou a aula dizendo aos alunos que apresentassem os trabalhos passados em uma aula anterior. Organizou os alunos em círculo e iniciou as apresentações, (indo de carteira em carteira) e apresentado os trabalhos dos alunos ao restante da turma: O trabalho apresentado era uma pintura em lixa. A maioria dos trabalhos mostrados, retratavam desenhos de memória dos alunos, desenhos copiados. Apesar dos trabalhos terem uma boa qualidade visual, ainda se percebe os alunos muitos presos aos desenhos estereotipados. Pôde-se perceber isso, na quantidade de trabalhos reproduzidos, assim como nas falas dos alunos, ao verem os trabalhos, dos colegas, como na fala de uma aluno explicando- se sobre o seu trabalho: "O meu não ficou muito bom, porque a lixa era grossa, eu queria pintar esse espaço todo de azul".

Depois de mostrar os trabalhos dos alunos, a aula teve continuidade com a apresentação de outros trabalhos, como grupos de dança, apresentando uma coreografia de ritmo calipso, um ritmo regional. Em seguida o 2º grupo apresentou uma outra coreografia, agora um grupo maior de uma música evangélica.

Durante a apresentação pode-se perceber, entre outras coisas, a falta de estrutura das escolas públicas municipais de Xinguara para o desenvolvimento das aulas de arte, pois a sala referida não comportava a quantidade de alunos mais o grupo, prejudicando o desempenho dos alunos. As apresentações tiveram continuidade com um grupo de Rap.

Os trabalhos apresentados mostraram que a professora tem um respeito pela

sobre os trabalhos, dizendo para os alunos que a arte era isso, cada um expressava de um jeito. Continuou falando da origem da arte, da arte nas cavernas.

Os conteúdos abordados na aula observada deveriam ter sido em aulas diferentes, abrindo se em espaço para que os alunos pudessem comentar, analisar, interpretar os trabalhos do colegas. No caso do 1º trabalho, os trabalhos foram simplesmente mostrados à turma, pela professora, com comentários do tipo: Esse é o trabalho de "X". Ao apresentar o trabalho, cuja pintura não apresentava formas reproduzidas, a professora virou a folha de lixa de um lado para o outro: "Esse eu não estou conseguindo identificar", o aluno respondeu: "É uma obra enrolado numa árvore".

A professora comentou: "É, parece que sim".

O comentário acima citado pela professora mostra.

PROFESSORA "VÊNUS" _"6ª SÉRIE"

A aula iniciou no horário normal marcado com a entrega do trabalhos dos alunos. Em seguida a professora se dirigiu aos alunos dizendo: "Hoje antes de iniciar a aula, vamos lembrar das figuras geométricas, quem sabe das figuras geométricas?"

Alguns alunos responderam: "Quadrado", "Círculo", e a professora continuou: "Pois é, hoje nós vamos fazer um trabalho de montagem com círculos". Dirigiu-se à lousa e começou a escrever o roteiro do trabalho que deveria ser entregue uma semana depois. A orientação didática era seguinte:

1º Recortar vários círculos com tamanhos vários e de várias cores.

3º Fazer a colagem usando a criatividade.

Esperou os alunos terminarem para explicar, mostrando exemplos no quadro.

(Durante a escrita alguns falaram: “professora faz em grupo”. A professora respondeu: “_Não, o trabalho é individual, pois muitos pais estão reclamando de trabalhos em grupo”. Em seguida explicou aos alunos como poderiam desenvolver os trabalhos, dizendo: “Vocês vão usar círculos de vários tamanhos e cores e formar figuras, usando a criatividade. Enquanto explicava, disse:”_Se vocês tivessem tesoura e cola, poderíamos fazer aqui na sala”_ depois pegou uma folha limpa e fez uma demonstração.

Enquanto a professora montava uma forma, os alunos conversavam aguardando o exemplo. Após o comando do trabalho, a professora continuou a aula dizendo aos alunos que iriam trabalhar na aula caricatura, iniciou fazendo perguntas aos alunos:”_Vocês sabem o que é caricatura? Qual o conceito que vocês tem de caricatura?” Alguns alunos responderam:”_É o desenho de um rosto”. O outro complementou: “_É um desenho de rosto diferente”. “Quem sabe mais?” “Caricatura é um desenho com proporções deformadas. Em seguida começou a escrever na lousa um texto sobre caricatura.

Durante a escrita do comando do 1º trabalho a professora comentou comigo: “Nós estamos esperando uma apostila da SEMED até hoje e eles não trouxeram. Nós temos que criar as aulas. O ano passado nós trabalhamos muito com sucata, mas agora eles não querem mais que a gente passe trabalhos desse tipo com os alunos, querem que a gente passe conteúdos. Eu tenho um livro de história da arte, mas não tem nada a ver com a proposta da “SEMED” . Vale ressaltar que o livro citado foi o único livro didático que eu pude encontrar em todas as escolas pesquisadas.

Durante a escrita do texto, um aluno fazia desenhos em uma folha de papel. A professora aproximou-se e disse: “Você gosta de desenhar, né?”. Está fazendo trabalho de que?. “A professora passou um trabalho” (de outra disciplina): “O problema dos alunos é copiar o conteúdo”. Enquanto copiavam, a professora acompanhava-os um a um em suas carteiras.

O texto escrito na lousa trazia informações acerca da origem de caricatura, características da caricatura, surgimento da caricatura no Brasil em 1860, e das principais nomes da caricatura do Brasil como: Calisto Cordeiro, Raul Paranhos, José Carlos Brito, entre outros.

Após a escrita do texto a professora seguiu de carteira em carteira dando vistos nos cadernos dos alunos.

Professora “Vênus”_ “6ª série”

A professora iniciou a aula saudando os alunos com bom dia. Em seguida falou os alunos: “Nós vamos fazer a correção da atividade”. E saiu de carteira em carteira vistando a atividade dos alunos, que era a construção de uma figura a partir da composição de círculos. Enquanto vistava pude perceber que muito alunos não haviam feito a atividade. Após dar o visto dirigiu-se aos alunos dizendo: “Olha, essa atividade que eu vistei, a grande maioria não fez e ela vale (1,0) ponto. Então quem não fez pode trazer na próxima aula, mas só valerá (0,5) meio ponto, porque eu já dei uma possibilidade. Em seguida falou: “Hoje nós vamos ver: Arte no Renascimento”. Nós já vimos: arte na pré-história, as cores e agora vamos ver arte no renascimento, pra depois entrarmos nas escolas “literárias”, o cubismo. Enquanto falava os alunos mostravam-se bastantes inquietos e falantes, ao que a

PROFESSOR "CÂNDIDO PORTINARI" _ "8ª SÉRIE"

O primeiro dia de aula com o professor "Cândido Portinari" iniciou com o mesmo fazendo uma exposição oral sobre literatura de cordel, citando autores como Patativa do Assaré, as características da literatura de cordel, as regiões onde predominam esse tipo de cultura popular. Após a exposição o professor pediu aos alunos que elaborassem um trabalho em forma de literatura de cordel ou repente. Antes de passar a atividade citou exemplos de músicas de repentistas como a dupla Castanha e Caju.

Apesar de se perceber o domínio do conteúdo, o professor mostrou trabalhar de improviso, e nesse caso, como em outras situações pesquisadas, percebeu-se a dificuldade do professor em despertar o interesse dos alunos pela disciplina de Arte, apelando à questão da nota para que os alunos realizassem os trabalhos, como pôde-se constatar na fala do mesmo ao se dirigir aos alunos: " _ Se vocês não fizerem a atividade quando for o dia da prova, vão demorar mais tempo do que nas outras provas, como da outra vez." O comentário do professor se deu após alguns alunos dizerem que não sabiam fazer a atividade.

PROFESSOR "CÂNDIDO PORTINARI" _ " 8ª SÉRIE

O segundo dia de observação com o professor "Cândido Portinari" se deu numa turma de 8ª série. A aula iniciou com apenas oito alunos presentes e o professor falando que a turma estava atrasada em relação à outra turma devido à coincidência de horário de aulas entre as turmas. Em seguida pediu aos alunos

quadro explicou que eles iriam montar uma peça teatral e que deveriam copiar para depois não precisarem correr atrás do conteúdo para a avaliação. Continuou a copiar o texto no quadro, o qual trazia informações sobre o teatro grego. Durante a escrita no quadro o professor conversava animadamente com os alunos sobre coisas do cotidiano dos mesmos e da própria vida pessoal, copiando mecanicamente o conteúdo, o qual mais uma vez era improvisado, pois era retirado de uma apostila de uma rede de ensino particular, e não tinha nenhuma conexão com o conteúdo anterior.

Em certo momento o professor parou de escrever e me falou do trabalho que estava realizando em outra turma de 8ª série, que segundo ele estava adiantada em relação à turma em questão. Em seguida mostrou-me o trabalho de um aluno da referida turma que tinha acabado de receber, o qual mostrava uma figura feita a partir da colagem de pequenos retângulos de papel. Comentou que em outra turma estavam fazendo uma borboleta, dando a entender que em cada turma construíam apenas uma figura a partir de um modelo dado, o qual os alunos tinham como tarefa copiá-lo. Após o comentário retornou a lousa e continuou a escrita do texto. Enquanto escrevia perguntou à turma se o restante do pessoal havia desistido, devido ao pequeno número de alunos presentes, ao que um aluno comentou: “_ Mas, não é melhor, professor?”. O mesmo respondeu que sim, mas que no dia da prova era cansada. Inter rompeu a escrita e falou aos alunos que já podiam começar a pensar no título do teatro.

PROFESSORA “GUERNICA”_ “8ª

O primeiro dia de observação com a professora “Guernica” se deu em duas

uma 6ª série e começou com os alunos da primeira turma organizando a sala para a apresentação de alguns trabalhos. Os alunos pareciam empolgados com a apresentação, ao contrário dos demais turmas do período noturno. O primeiro grupo apresentou uma peça de teatro que retratava a questão da violência e da impunidade. O grupo era composto de 14 (catorze) componentes. O trabalho estava bastante organizado e bem escrito. Ao final da apresentação o aluno que fazia a narração da peça foi à frente com os demais componentes e apresentou-os um a um com os respectivos papéis. Durante a apresentação a professora me falava que a peça havia sido escrita pelos alunos, mas que antes ela havia trabalhado as técnicas de teatro e as informações sobre o texto. O segundo grupo apresentou uma peça que retratava a questão da homossexualidade. O grupo era composto por doze componentes. Após a apresentação a professora pediu aos alunos que lhe entregasse a parte escrita do trabalho e comentassem a escolha do tema e o processo de elaboração do trabalho, assim como a mensagem que o grupo pretendia apresentar com o trabalho. O primeiro grupo comentou a idéia era chamar a atenção para a questão da traição e da violência, que segundo eles era um problema bastante presente no cotidiano dos casais e que merecia ser discutido. A professora questionou-os acerca da elaboração do trabalho, como tinham sido os ensaios, as dificuldades encontradas, a participação dos componentes no trabalho, entre outros. A turma mostrou bastante interesse e responsabilidade com o trabalho, ao contrário das demais turmas do ensino noturno observadas durante a pesquisa.

A observação com a professora "Guernica" teve continuidade numa sala de 6ª série e iniciou com a professora explicando a minha presença na sala. Em seguida falou aos alunos que continuariam a atividade iniciada na aula anterior, a

permanecessem na sala, pois os mesmos saiam da sala com freqüência e mostravam-se bastante dispersos. Na seqüência dirigiu-se aos grupos explicando como confeccionar o tangran, no caso três. A turma era composta na grande maioria de adolescentes e a professora se mostrava bastante acessível aos alunos. Em certo momento dirigiu-se a mim falando que na aula anterior havia trabalhado um texto sobre o tangran. Durante as aulas observadas pude perceber a preocupação da professora em trabalhar os conteúdos de forma articulada, embora a precariedade de material e de um referencial teórico que a fundamentasse fosse um impecilho. Diferentemente das demais turmas pesquisadas, a professora demonstrava uma preocupação com o desenvolvimento dos alunos, podendo-se perceber isso ao final das apresentações dos trabalhos em grupos, quando propôs aos alunos que refletissem sobre os trabalhos produzidos, levando-os a discutirem sobre as produções. Uma outra questão que merece ser ressaltada no trabalho da professora acima, refere-se à falta de material, ao que a mesma comentou ter comprado dois livros para trabalhar com os alunos e o restante do material como papel, tesoura, etc. ela comentou que havia comprado no início do ano com o dinheiro obtido com uma coleta feita junto aos alunos.